

Departamento de Sociologia

*O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na
Segurança Alimentar: um estudo de caso na comunidade
peri-urbana de Susana, São Domingos (Guiné-Bissau)*

Sandra Mula

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Estudos Africanos

Orientador:
Professor Doutor Eduardo Costa Dias
ISCTE-IUL

Março, 2010

Departamento de Sociologia

*O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na
Segurança Alimentar: um estudo de caso na comunidade
peri-urbana de Susana, São Domingos (Guiné-Bissau)*

Sandra Mula

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Estudos Africanos

Orientador:
Professor Doutor Eduardo Costa Dias
ISCTE-IUL

Março, 2010

RESUMO

Este trabalho pretende ser uma reflexão sobre a relação e o papel da urbanização na segurança alimentar, destacando as estratégias utilizadas para contrariar a insegurança alimentar.

O arroz como base da alimentação dos Felupes é também sinónimo de riqueza, paradoxalmente a esta situação, os agricultores não só produtores e consumidores da sua própria produção mas também consumidores de alimentos importados. As alterações climáticas, a diminuição da produção e o difícil trabalho de manutenção das *bolanhas*, faz com que seja essencial encontrar alternativas viáveis que permite reduzir a insegurança alimentar.

A procura de soluções nos centros urbanos é vista como uma alternativa e resulta de uma tentativa de subsistência. Criando organizações sociais, as populações concebem grupos de apoio simples, mas que pela sua organização conseguem ser abrangentes e eficazes. É esta capacidade de criar estas verdadeiras redes de solidariedade que impede um agravamento das suas condições de vida.

Assim, no contexto urbano pretende-se verificar se este meio oferece à população instrumentos para que estes possam garantir a sua segurança alimentar. Não obstante as dinâmicas da população urbana e as implicações que esta tem na segurança alimentar apresentando-se como uma questão crítica, pois o rápido crescimento populacional na cidade não tem sido acompanhado de meios que visem salvaguardar a alimentação para os mesmos. Seria necessária a existência de uma correlação mais adequada entre a produção e consumo, e isso não acontece nestes espaços urbanos.

Palavras-chave: Crescimento Urbano, Segurança Alimentar, Migração, Redes de Solidariedade, Cultivo de Arroz

ABSTRACT

This work intended to be a reflection on the relationship and contribution of urbanization to assure food security, highlighting the strategies used to counter food insecurity.

Rice as base of alimentation of Felupe is also synonymous of wealth, paradoxically of this situation, farmers are both producers and consumers of their own production but also consumers of imported food. Climate changes and the declining of production and hard work maintaining the *bolanhas*, makes it essential to find alternatives that allow reduction of food insecurity.

Finding solutions in urban areas is seen as an alternative and an attempt to subsistence. Creating social organizations, people form simple support groups and it is this ability to create these networks of solidarity that prevents the worsening of their living conditions.

In this urban context it is intended to ascertain that this environment offers means that enables people to ensure their food security. Despite the dynamics of urban population and the implications it has on food security, itself presents as a critical issue, since the rapid population growth in the city has not been accompanied by means that safeguard the nourishment that they need. There is need for a correlation between production and consumption, and this does not happen in urban spaces.

Key-words: Urban Growth, Food Security, Migration, Network Solidarity, Rice Cultivation

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador e Coordenador de Mestrado, Professor Doutor Eduardo Costa Dias, pelos conselhos e incentivos prestados, um agradecimento especial pelas ideias, sugestões e pela oportunidade que me deu em participar num projecto desta natureza.

Na Guiné-Bissau, os meus agradecimentos à ONG Acção para o Desenvolvimento Bissau como instituição de acolhimento. A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial em São Domingos ao Issa Indjai, que se revelou um excelente guia e fonte de conhecimento, que passei a considerar um grande amigo não só pela sua competência mas também pela dedicação prestada ao longo do trabalho de campo. Em Susana, à Missão Católica, na pessoa do Padre Giuseppe Fumagalli (Padre Zé) e às irmãs Yanina Cisneros Zegarra e Socorro Monsalve, pelo acolhimento e apoio prestado, que se veio a revelar essencial para o sucesso do trabalho de campo. Ao amigo Francisco Fidel Bacula, nosso cicerone e guia, que dispensou o seu tempo para partilhar connosco o seu conhecimento, durante as longas caminhadas que juntos percorremos. Ao meu colega de mestrado Samba Tenem Camará pela ajuda prestada e pela disponibilidade que sempre demonstrou. Agradeço também a colaboração de todos os guineenses com quem contactei, os quais não são possíveis enunciar.

Agradeço aos meus colegas Filipa Perestrello, Lúcia Bayan, Ludmila Bolonha e Miguel Freitas, pelas sugestões, críticas, apoio e amizade demonstradas, lembrando com carinho as inúmeras e intermináveis reuniões. Reconheço a ajuda da minha família, em especial da minha mãe e avó que com palavras de incentivo me deram o alento necessário para a finalização deste trabalho.

Por fim, mas não com menos importância um agradecimento muito especial ao meu querido Quimzinho, ao qual fico grata pelo incentivo dado para prosseguir e pelo papel preponderante que teve para a concretização de mais este projecto.

ÍNDICE

Introdução

1. Objectivos da tese 1

Capítulo 1: A Segurança Alimentar e o Fenómeno de Urbanidade

1. Segurança Alimentar: Um Conceito Chave..... 9
2. Migrações e Crescimento Urbano: Consequências Sociais..... 12
3. Migração, Crescimento Urbano e Segurança Alimentar 18

Capítulo 2: O Arroz no Centro do Mundo Felupe

1. A Região em Contexto..... 24
 - 1.1 A Importância na Organização Económica do Clima: O Arroz no Centro do Mundo Felupe 26
 - 1.2 Ligação Cultural, Política, Religiosa e Social 30
2. A Unidade Familiar e os Rituais Tradicionais..... 35

Capítulo 3: O Fenómeno do Urbanismo e as Redes de Solidariedade Presentes em Susana e São Domingos

1. O Urbanismo em Susana e São Domingos 40
2. O Fenómeno Crescentemente Urbano de Susana 46
 - 2.1 Descrição das Pessoas: Quem São e o que Fazem?..... 48
 - 2.2 O Caso do Bairro Santa Maria..... 53
 - 2.3 A Organização dos Comitês em Susana 56
3. O Fenómeno Urbano de São Domingos 57
 - 3.1 Descrição das Pessoas: Quem São e o que Fazem?..... 59

Conclusão 62

Bibliografia..... 64

SIGLAS/ABREVIATURAS/GLOSSÁRIO

ADRA	Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais
AOFSS	Associação dos Filhos da Secção de Susana
CSAO	Club du Sahel et de l'Afrique de l'Ouest
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
IFAD/FIDA	Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola das Nações Unidas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa
ONG	Organização Não Governamental
PAE	Programas de Ajustamento Estrutural

INTRODUÇÃO

1. Objectivos da Tese

A elaboração desta tese é parte integrante de um projecto de investigação, que pretendeu identificar e compreender as estratégias que visam garantir a segurança alimentar e que tem como título: “A sociedade Jola-Felupe face à (in)segurança alimentar: dinâmicas e estratégias”. A investigação desenrolou-se no eixo de São Domingos–Susana na Guiné Bissau denominado de chão Jola-Felupe¹.

Assim, a fim de garantir uma visão global das várias vertentes que podem contribuir para a segurança alimentar, o projecto teve como intenção abordar cinco campos de estudo, designadamente em termos de degradação ambiental, autoridades tradicionais como gestores sociais, o papel da mulher, os fluxos migratórios e a crescente urbanização. O grupo de trabalho foi constituído por cinco pessoas que procuraram visar de forma mais aprofundada o seu respectivo campo de trabalho. Apesar da aparente independência de cada abordagem, na prática verificou-se que estas só seriam viáveis se relacionadas com o sistema agrário Jola-Felupe.

Pretendeu-se em concreto, a oportunidade de neste trabalho fazer uma análise dos problemas que nasceram à volta da chamada “crise dos cereais de 2007-2008²” e as consequências que da mesma se fizeram e fazem sentir da mesma. A recolha de dados do trabalho de terreno realizado no âmbito desse mesmo projecto, foi essencial para a procura de respostas para flagelos como a fome, que atingiu recentemente números escandalosos – e que é, sem dúvida, a mais vergonhosa e indigna dimensão da pobreza –, são aspectos que nos fazem meditar e necessariamente tentar perceber os fenómenos associados, procurando respostas e contribuições para a sua resolução.

¹ A região situada entre a margem sul do rio Casamance e o rio Cacheu constitui o berço de origem da maior parte dos grupos Jola da Baixa-Casamance. Foram feitas por vários autores diferentes tentativas de classificação dos Jola, o que ilustra bem a sua complexidade. A grande diversidade da etnia Jola leva a que esta seja caracterizada pelos seus diversos sub-grupos, como por exemplo os Jola-Haer e os Jola de Jembering. Os Jola-Felupe são um destes sub-grupos Jola. Como tal, na elaboração deste trabalho usa-se somente o termo Felupe em referência a este sub-grupo.

² Em 2007-2008 verificou-se uma subida do preço dos cereais, criando para vários países uma situação de tensão agravada, devido à dependência de muitos deles ao mercado internacional. Tendo-se tratado de uma subida abrupta dos preços e em virtude de ter tido efeitos a nível internacional, ficou com a designação de “crise dos cereais de 2007-2008” (GIEWS, 2008:1).

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

Fenómenos como ‘degradação ambiental’, ‘segurança alimentar’, ‘insegurança alimentar’, ‘migrações’, ‘sistema rural’, ‘soberania alimentar’, entre muitos outros, estão intrinsecamente ligados a todos estes problemas e necessitam de uma abordagem integrada e eficaz. Todos estes fenómenos entendem-se muito complexos e, dependendo da sua fase e escala, podem impedir o acesso a uma vida sem constrangimentos económicos.

Assim como parte integrante desse projecto, do qual se transcreve no essencial o documento que serviu de orientação: “Sendo verdade que a insegurança alimentar é o resultado e consequência de diversos factores como as alterações climáticas, a urbanização, o individualismo, a falta de mão-de-obra, as migrações, entre outros, e que esta, por sua vez, conduz à fome, tornou-se, a dado momento deste percurso, imperioso tentar compreender o que está na sua génese, as suas consequências e as formas como as populações mais afectadas lidam com estes fenómenos, designadamente em África, o objecto principal desta área científica dos Estudos Africanos.

De facto, a insegurança alimentar em África aumentou fortemente, tendo originado motins e instabilidade política que terão tendência para o agravamento. As crises, devidas a anos sucessivos de aumento dos preços, combinados com períodos de seca e conflitos, reduziram dramaticamente as reservas nacionais de alimentos e de dinheiro. As estratégias de combate das sociedades rurais foram esticadas ao ponto de se quebrarem; a sua resiliência desapareceu. Em 2009, o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola das Nações Unidas (IFAD) salientava que, de 2007 para 2008, o número de pessoas subnutridas no mundo tinha aumentado em 40 milhões, para um total de 963 milhões e que, apesar do declínio nos preços internacionais, no segundo semestre de 2008, o Índice de Preços da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) era 28% mais alto do que em 2005. Alertava ainda para o facto de o preço dos alimentos continuar muito elevado em vários países em desenvolvimento, afectando a população de mais baixo rendimento³. Para mais, de acordo com a FAO⁴ existem hoje mais de 1.020 milhões de pessoas famintas no mundo, com tendência a aumentar. “A alta dos preços dos alimentos empurrará mais cerca de

³ <http://www.ifad.org/operations/food/index.htm>

⁴ http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/newsroom/docs/Press%20release%20june-en.pdf

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

100 milhões para a pobreza, dos quais 30 milhões em África. As alterações climáticas são susceptíveis de pôr em risco de fome mais 50 milhões até 2020.”⁵

Perante estes recentes cenários de crise (alimentar, energética, financeira, entre outras) é lícito questionar como reagem as comunidades/sociedades rurais, outrora tendencialmente auto-suficientes, e como se estão a reconstruir/desconstruir e a adaptar neste novo quadro de constrangimentos? Estas condicionantes fazem com que na actualidade, na sociedade Felupes, o arroz esteja no centro, não só da vida agrícola, mas também da vida social, cultural e religiosa. Para responder a estas questões tornou-se necessário, também, perceber e tentar definir alguns conceitos, designadamente os de segurança e insegurança alimentar.

Daqui resultou, num primeiro momento do projecto, uma tentativa de análise da sociedade objecto/alvo deste estudo face à “(in)segurança alimentar”. A resposta à crise em África tem residido no aumento do fluxo de ajuda global e em géneros alimentícios, mas o aumento da ajuda alimentar e das intervenções não tem um impacto simples e directo na segurança alimentar e muito menos na sustentabilidade (FAO, 2008)⁶. Além disso, tal como refere Calame (2008: 106-7), “as sociedades são confrontadas com o problema da falta de braços! A dureza do trabalho e o fraco reconhecimento social e económico conjugam-se para favorecer um êxodo rural que põe em perigo o equilíbrio alimentar das sociedades.” É, assim, necessário alcançar um melhor conhecimento sobre a interacção destas dinâmicas a fim de melhor planear intervenções que venham a ter o desejado resultado de reduzir a insegurança alimentar e o “cortejo” de situações que dela decorre (fome, conflitos, migrações, êxodo rural).

A insegurança alimentar ameaça os agregados rurais pobres, os pobres urbanos, as vítimas de conflito e cada vez mais camadas populacionais em todas as sociedades. Os agricultores são, paradoxal e frequentemente, importantes consumidores de alimentos importados e o aumento dos preços poderá não levar a um aumento de produção dada a dificuldade em aceder a recursos, trabalho/mão-de-obra e mercados acessíveis. Nas sociedades rurais africanas como se desenvolve e garante a segurança alimentar? Quais as lógicas e contextos que prevalecem nas decisões dos camponeses enquanto gestores de recursos mínimos?

⁵ <http://www.ifad.org/events/op/2008/g8.htm>

⁶ Ver também Guillaume (2004), Maluf e Menezes (2000).

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

Enquanto garante de autonomia, a soberania alimentar é peça fundamental e um objectivo adiado no caso dos países em desenvolvimento, mais frágeis e vulneráveis à escassez dos recursos e às condições climáticas cada vez mais adversas e difíceis, onde a população, maioritariamente rural ou estreitamente ligada a este meio, se vê constantemente privada de factores essenciais ao seu desenvolvimento endógeno (CSAO, 2007)⁷.

Por se crer reunir algumas condições objectivamente interessantes do ponto de vista da investigação e da sua pertinência, optou-se pela sociedade Felupes, um subgrupo da etnia jola, estabelecida na zona fronteiriça entre o Senegal e a Guiné-Bissau, numa área compreendida entre o oceano Atlântico e São Domingos, dentro do denominado chão jola-felupe.

A sociedade Felupes é uma sociedade rural que apesar de localizada numa região fértil do continente africano e historicamente referenciada como sociedade “segura” em matéria alimentar, é hoje particularmente afectada pelas problemáticas referidas, bem como pela crescente e constante degradação dos solos e dos *mangroves*⁸, essenciais à orizicultura em “*bolanha*”⁹. Do ponto de vista social, cultural, económico, climático e ambiental (a zona escolhida é uma zona de sucessivos *mangroves*) é uma subunidade, por um lado bastante heterogénea e, por outro, de intensas relações de interdependência (trocas comerciais muito fortes, casamentos recorrentes entre pessoas de um e outro lado da fronteira, circulação de pessoas e bens sem entraves, entre outras).

Procurou-se, assim, identificar e compreender que estratégias e dinâmicas se verificam nesta região e sociedade-alvo, com vista a garantir a segurança alimentar e a sobrevivência em condições tão adversas, designadamente em termos de degradação ambiental, autoridades tradicionais como gestores sociais, o papel da mulher, os fluxos migratórios e a crescente urbanização. Realizado numa zona em que o conflito em Casamança sempre esteve latente, conflito este que lavrou com grande intensidade entre

⁷ Ver também Sanches (2003) e Windfhr e Jonsén (2005).

⁸ O *mangrove* é a associação de plantas arborescentes e arbustivas, caracterizada por adaptações morfológicas e/ou fisiológicas, que lhes permite sobreviverem num meio instável, influenciado periodicamente pelas águas salobras ou marinhas.

⁹ *Bolanhas* são terrenos alagadiços de fertilidade variável. A *bolanha* de água salgada é uma técnica de cultivo de arroz utilizada no Senegal e na Guiné-Bissau. Estes terrenos, do tipo *mangrove*, inundados por água salgada, são aproveitados para o cultivo de arroz através de complexos sistemas de comportas para entrada e saída de água, tentando-se controlar a excessiva salinidade do solo através da água das chuvas.

meados da década de 1980 e os anos 2002-2003, com problemas sociais e políticos muito específicos na sub-região em que se insere e que sofre recorrentes situações de deficits alimentares¹⁰, este estudo teve como objectivo central, por um lado, identificar as dinâmicas e constrangimentos internos e externos que presentemente “marcam” a sociedade jola-felupe e, por outro, identificar e compreender as estratégias tecidas tendo em vista superar/minimizar as situações de insegurança alimentar.

Tratou-se de um objectivo social e cientificamente pertinente sobretudo se tivermos em conta que as estratégias produtivas visando garantir a segurança alimentar e a sobrevivência se constroem em condições particularmente adversas, designadamente em termos de “conjuntura externa”, de mão-de-obra, de capacidade produtiva dos solos e de pluviometria¹¹. Neste sentido a questão central deste estudo – que meios e que estratégias para superar a actualmente recorrente situação de insegurança alimentar? – foi observada, analisada e ponderada a partir de cinco dimensões de análise diferentes que se procurou, num segundo momento, cruzar e integrar numa análise final conjunta.

Trata-se de uma *démarche* científica sustentada e adequada ao objecto e aos objectivos da investigação. Entendeu-se também, com base em experiências de trabalho anteriores, enquadrar esta investigação numa *pool* ‘a cinco mãos’ porque, embora trabalhando cada uma das dimensões em análise autonomamente em relação a cada uma das outras, todas elas só são totalmente passíveis de ser analisadas – e verdadeiramente compreendidas – quando relacionadas e integradas, uma vez que estão intimamente ligadas entre si. O problema em estudo, neste enquadramento e estando as múltiplas dimensões intimamente ligadas, é melhor elucidado a partir de uma abordagem holística.

No contexto do mesmo projecto formulou-se uma primeira questão de partida: “Será que o problema da insegurança alimentar (e da carestia de vida) a que estas sociedades estão permanentemente sujeitas tem sobretudo a ver com factores externos ou tem também, pelo menos em parte, a ver com factores internos? E, a ser verdade,

¹⁰ O Senegal e a Guiné-Bissau são dos países oeste-africanos com maior consumo de arroz e, não sendo auto-suficientes ao nível da sua produção, dependem em muito das importações. Este facto coloca os dois países em situação de vulnerabilidade face aos mercados externos e aos factores internos.

¹¹ Tal como o sul do Senegal (Casamança), a Guiné-Bissau é actualmente afectada por grande irregularidade de chuvas sobretudo nas zonas ao longo da fronteira com o Senegal. A produção orizícola, extremamente dependente da pluviosidade, diminui drasticamente levando, em caso de fraca precipitação, à inexistência de colheitas, situação cada vez mais frequente.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

estas sociedades dispõem de reservas ou instrumentos internos capazes de contrariar as causas cumuladas de factores internos e externos?”¹²

Dentro deste quadro o meu estudo particular debruça-se sobre o papel da urbanização e nas questões que se prendem com a segurança alimentar. A escolha do local para o estudo foi feita considerando vários aspectos, nomeadamente o interesse na abordagem dos vários elementos do grupo que constituíram este projecto. Foi feito um enfoque especial à secção de Susana que está inserida no sector de São Domingos, que pelas suas características particulares, como consequência de vários factores, nomeadamente da deslocação de população de outras tabancas, permite-nos compreender o porquê da transformação das características dos solos urbanos. O caso particular de Susana destacou-se pela sua organização urbana e pelos meios utilizados para fazer face à insegurança alimentar.

Esta é uma questão importante para a análise deste fenómeno, e que foi possível observar no terreno em Susana. Aqui as zonas de *bolanhas* ainda não cederam lugar às construções, isto porque se encontram, apesar da expansão urbana, longe desta “invasão”. Acresce as *bolanhas* que são um meio importante de subsistência para a população. O arroz é o alimento base e é igualmente um sinónimo de riqueza, sendo deste modo fundamental a manutenção do cultivo das *bolanhas*. O conhecimento do processo de conversão de terra em solos urbanos é a condição essencial para encontrar alternativas viáveis que permitem reduzir o avanço da urbanização, ou dirigir a urbanização sobre terras com menos valor agrícola e proteger o espaço ou terras cultiváveis que restam.

Os objectivos deste estudo, são compreender e dimensionar o peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto no aumento ou não da insegurança alimentar. No caso de Susana os espaços urbanos organizados, são uma medida que tem beneficiado a redução da insegurança alimentar? Compreender se esta sociedade dispõe de reservas ou instrumentos internos capazes de contrariar a insegurança alimentar.

Perceber quais as estratégias dos vários actores/agentes para superar essa insegurança alimentar. Compreender até que ponto a ida das pessoas para as cidades

¹² Citação de parte do texto do projecto de investigação: “A sociedade Jola-felupe face à (in)segurança alimentar: dinâmicas e estratégias”. Para projecto completo consultar: <http://estudosaffricanos.files.wordpress.com/2010/04/projectofinal.pdf>

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

pode impedir os que ficam nos espaços rurais de passar fome. Como é que está organizada a cidade e para quem é feito este planeamento. Crescimento organizado/desorganizado das zonas urbanas e peri-urbanas, e se esta organização/desorganização acelerou-se em virtude das condições de vida a que estavam confrontadas as populações.

As mudanças ao nível social e económico nos centros urbanos, devem-se à necessidade e capacidade de organização social destas populações, criando grupos de apoio simples pela sua organização, mas complexos no sentido da sua abrangência. Os percursos de integração na cidade, existem, e tornam-se fundamentais enumerar para explicar a lógica do processo de urbanização.

O crescimento da população em Susana e São Domingos tem uma relação muito estreita com a procura de infra-estruturas do Estado, por parte dos migrantes, de melhores condições de vida e de trabalho, e de um crescente êxodo rural, o que provocou um ritmo elevado de deslocações para a cidade. A população mais jovem, nomeadamente a estudante, é forçada a deslocar-se para os centros urbanos pois estes dispõem dessas infra-estruturas, especialmente de escolas. A maioria da população migrante destes espaços urbanos, é originária das tabancas próximas das duas cidades: Budjim, Edjim, Elia, Katon, Bulol, Arame.

Neste texto, pretende-se traçar em grandes linhas os modelos concretos que permitiram as dinâmicas urbanas. Identificar as estratégias desenvolvidas pelos indivíduos e pelos grupos nestas dinâmicas urbanas, revelando que apesar das dificuldades não há fome, mas não significando que no futuro esta situação se mantenha. Esta reflexão tem como objectivo explorar estas questões e pretende compreender os fenómenos sociais de Susana e São Domingos.

Neste sentido, na formulação do quadro teórico e metodológico foi dada especial ênfase às problemáticas relacionadas, por um lado, aos sistemas agrários “centrados” na orizicultura, e, por outro, às relações que, no quadro das sociedades rurais, os factores internos e externos estabelecem entre si.

Foi igualmente dada particular importância à revisão bibliográfica, à compilação da “literatura cinzenta” sobre o sistema agrário Felupes disponível e ao trabalho de campo. Neste último, investindo em especial na recolha de dados conducentes a três

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

tipos de informações, uma referente às questões da segurança alimentar, outra alusiva à questão da urbanização e outra sobre a consciência que as pessoas têm sobre estes temas. A recolha foi feita a partir de conversas, da observação e da realização de entrevistas. Foi possível obter através destas mesmas entrevistas resposta a questões que se revelaram fundamentais à abordagem ao tema.

Este texto está dividido em três partes antecedidas pela introdução e completadas pela conclusão. Na primeira, o “estado da arte”, onde se inclui o debate sobre o conceito de segurança alimentar e onde é feita a abordagem da problemática na dimensão particular da relação da segurança alimentar com a urbanização, e as repercussões que esta tem na vida quotidiana das populações, neste caso particular nas populações de Susana e de São Domingos. A visibilidade e a importância do contexto urbano no problema da segurança alimentar e o seu papel nas alterações da urbanização.

Na segunda parte é feita a contextualização dos Felupes, onde se descreve o tipo de organização cultural, política, religiosa e social, da região e da importância do clima para o desenvolvimento económico e do arroz como ponto central desta sociedade.

Na terceira é abordada a parte empírica, com especial ênfase no trabalho de investigação feito em Susana e São Domingos. A descrição das pessoas, quem são e o que fazem e o tipo de bairro onde habitam. É feito um enfoque especial sobre o caso de Susana, a sua divisão e respectiva estruturação.

Assim, este texto, que se debruça sobre várias questões, pretende mostrar o cenário que se vive junto aos Felupes e ter a real percepção dos meios que estes usam para salvaguardar a sua segurança alimentar dentro do espaço crescentemente urbano.

CAPITULO 1: A SEGURANÇA ALIMENTAR E O FENÓMENO DA URBANIDADE

Este capítulo está organizado de forma a ilustrar conceitos chave como a segurança alimentar e o fenómeno urbano. O objectivo principal é, para além de enumerar algumas das teorias existentes, explicar a relação entre estes dois fenómenos e a sua importância. Com esta estrutura procurei obter informação relevante para o estudo a que me propunha. Assim, no contexto urbano, pretendo demonstrar de que forma a estruturação é feita neste meio e como oferece à população instrumentos para que estes possam garantir a sua segurança alimentar. Transversalmente foi este enquadramento que permitiu no trabalho de campo assegurar um panorama mais alargado sobre a temática.

1. Segurança Alimentar: Um Conceito Chave

Como atrás foi referido, nesta tese a discussão do conceito da segurança alimentar é, pelas repercussões que esta tem na vida quotidiana das populações, no caso particular nas populações de Susana e São Domingos um aspecto fundamental a considerar. É igualmente importante saber se estas populações são capazes de gerar quantidades suficientes de reservas alimentares. O problema da segurança alimentar, sendo visível no meio rural, ganha novas dimensões e maior importância no meio urbano como é o caso do “terreno” desta investigação. Isto é, no contexto deste tema, a questão da segurança alimentar não se resume a saber apenas se as populações são capazes de obter localmente rendimentos que possam ser supletivos para os défices de produção.

No passado a noção de fome era definida como um acontecimento que levava à morte devido à subnutrição. Este conceito actualmente é considerado mais complexo, no qual a noção de fome advém de um período de insegurança alimentar crónica, ou seja, quando existe um estado contínuo de acesso inadequado à comida (Foerch,

2007:1). O conceito de segurança alimentar, utilizado após a Iª Guerra Mundial, e ligado à capacidade de cada país produzir a sua própria alimentação de forma a não ficar vulnerável a possíveis cercos, embargos ou boicotes, de motivação política ou militar, envolvia um significado de segurança nacional defendendo a necessidade de constituição de stocks estratégicos como garantia da soberania dos países. Esta percepção de segurança alimentar estava principalmente ligada à produção agrícola e manteve-se até à grave crise económica de 1972-74 (Maluf e Menezes, 2000).

Quandt (2008), por outro lado, entende a insegurança alimentar como a falta involuntária de alimentos devido aos constrangimentos económicos. A “fome” e a “desnutrição” não são sinónimos de insuficiência alimentar, mas fases de uma escala complexa de factores que impedem o acesso dos agregados familiares a alimento suficiente.

Actualmente a discussão do conceito de segurança alimentar anda à volta de três princípios: segurança alimentar e segurança nutricional são indissociáveis; segurança alimentar e nutricional só poderão ser asseguradas com a participação conjunta do governo e sociedade; o direito à alimentação e nutrição é um direito humano básico, pois é parte componente do direito à própria vida. O artigo 25.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos¹³ estabelece a segurança alimentar como um dos direitos fundamentais (Maluf e Menezes, 2000).

De acordo com Paalberg (2000: 318) estas definições estão muito (demasiado, até, em sua opinião) associadas aos preços e stocks dos cereais, que servem normalmente de referência para a criação de indicadores de medição do problema. Este autor sustenta que, ao contrário do normalmente defendido, o aumento ou diminuição dos preços dos cereais não estão directamente relacionados com o aumento ou diminuição dos problemas de insegurança alimentar, muito pelo contrário.

As secas e o crescimento populacional, por si só, não são as causas da insegurança alimentar, mas este problema é exacerbado por causas políticas, sociais, económicas, práticas agrícolas inadequadas, alterações climáticas e degradação ambiental. Quando a segurança alimentar passou a ser compreendida não só por estes aspectos, mas também por uma abordagem na qual os meios de subsistência passaram a

¹³ DUDH <http://www.link para a./dudh.pdf>

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

focar as estratégias que as pessoas tinham de procurar alternativas para lhes fornecer os meios de sobrevivência, o conceito de segurança alimentar foi substancialmente alargado (Foerch, 2007:1). Áreas cujos rendimentos diminuíram devido às condições climáticas, sofrem um maior impacto devido aos preços elevados dos alimentos, tornando-se mais vulneráveis e cuja população carece de maior apoio (GIEWS, 2008: 3).

Maluf e Menezes (2000) propõem a seguinte definição de segurança alimentar: “Segurança Alimentar e Nutricional é a garantia do direito de todos ao acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente, com base em práticas alimentares saudáveis e respeitando as características culturais de cada povo, manifestadas no acto de se alimentar. Esta condição não pode comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, nem sequer o sistema alimentar futuro, devendo se realizar em bases sustentáveis.”

Assim, quer vista dentro de uma nação ou Estado, a segurança alimentar é essencial para o bem-estar pessoal numa dimensão absoluta. A privação das necessidades básicas, representadas pela insegurança alimentar e fome são aspectos indesejados já que acarretam problemas nutricionais, de saúde e desenvolvimento. A monitorização da segurança alimentar pode ajudar a identificar e perceber os aspectos básicos do bem-estar da população e identificar os que comportam na sua realidade este fenómeno da insegurança alimentar (Bickel, 2000: 7).

A ajuda alimentar é um instrumento importante no que concerne à insegurança alimentar pois, em termos imediatos, é uma solução em casos de vulnerabilidade. No entanto estes programas de ajuda alimentar são muito controversos, pois derivam das capacidades dos doadores e das suas necessidades de encontrar mercado para os seus próprios excedentes (Foerch, 2007:2).

O aumento do preço dos cereais é um reflexo da sua procura constante e resultante das novas restrições de exportação impostas pela maioria dos países exportadores. Em 2007/2008 os preços dos alimentos básicos subiram nos mercados, conduzindo a uma situação de agitação social. Este facto levou a que os governos dos países importadores e exportadores tomassem medidas para limitar o impacto da subida de preços dos cereais no consumo alimentar. O preço do trigo e do arroz sofreu um aumento de quase o dobro e o preço do milho sofreu um aumento de quase um terço

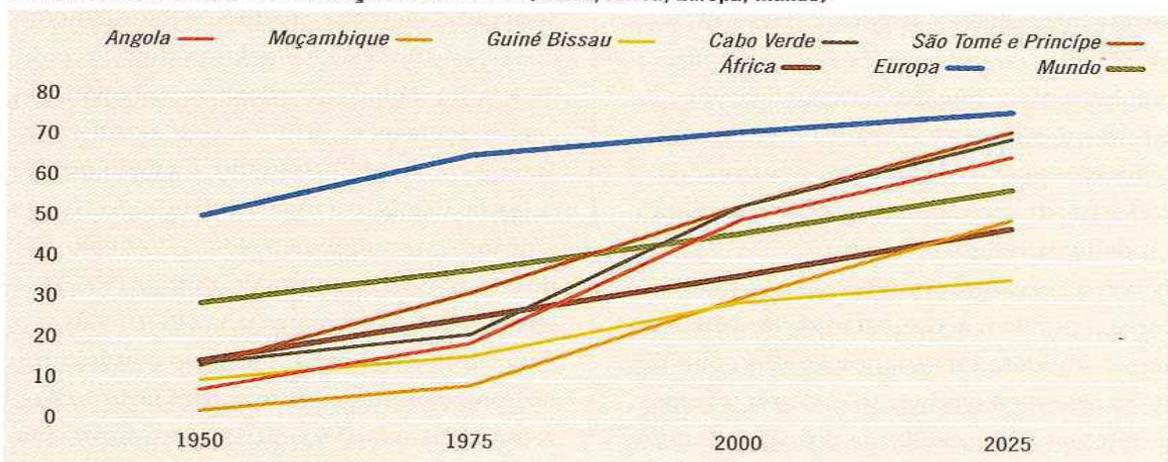
O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

(GIEWS, 2008:1). Países como a Guiné-Bissau são conduzidos pelo mercado internacional devido à sua grande dependência da importação do arroz e trigo (GIEWS, 2008:19). Minimizar os efeitos da insegurança alimentar e criar mecanismos para estimular a segurança alimentar são aspectos necessários, a fim de criar uma rede de segurança, suplantando assim as vulnerabilidades e necessidades de cada população (GIEWS, 2008:21).

2. Migrações e Crescimento Urbano: Consequências Sociais

Como anteriormente referido, o problema da segurança alimentar ganha novas dimensões no urbano. O fenómeno do crescimento urbano tem vindo a aumentar significativamente, resultado de dois factores convergentes: o aumento populacional e os fluxos migratórios das áreas rurais para as áreas urbanas (Fall, 1998:136-137).

PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO URBANA (PALOP, África, Europa, Mundo)



Fonte: UN (2006: 10, 12, 36, 37, 40, 41).

Quadro 1.1. Percentagem de população urbana. (Fonte: Raposo, Isabel (2010), "Explosão urbana em África", *Janus*, pp.184-185.)

As migrações, enquanto agentes que consistem na deslocação ou transferência de residência de um lugar para outro, exigem a criação de mecanismos que visam minorar os efeitos deste mesmo fenómeno. São várias as causas da migração: podem ocorrer por motivos económicos, por um melhor acesso às escolas, serviços de saúde ou

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

pelo acesso às comodidades modernas (Garenne, 2003:6). As cidades oferecem uma série de vantagens e desvantagens, pois conseguem potenciar tudo ao máximo. “Cities are social melting pots, centers of innovation and drivers of social change. However, cities are also marked by social differentiation, poverty, conflict and environmental degradation” (Beall et al, 2009:1).

A fim de conseguir uma inserção com o mínimo de inconvenientes, os migrantes procuram no espaço urbano uma adaptação às estruturas que aí encontram. “L’insertion urbaine serait alors un ensemble de mécanismes grâce auxquels le migrant qui arrive, s’insère dans les structures des populations urbaines d’accueil, les modifiant et/ou en subit l’influence” (Antoine e Diop, 1995:40). De acordo com Fall (1998:137) a urbanização apresenta-se como um desafio, já que a cidade não funciona como uma estrutura alternativa de desenvolvimento, mas sim como um local de sobrevivência para os que aí se encontram, bem como para os seus agregados nos locais de origem. As áreas urbanas têm uma diversidade social, cultural, étnica e religiosa e estes aspectos podem ser contributos importantes na origem de vários conflitos (Beall et al, 2009:8).

A procura de melhores condições de vida é frustrada porque o espaço urbano não está preparado para receber a população que procura aí melhores condições. A falta de emprego e de infra-estruturas capazes são uma das grandes problemáticas. “Les équipements urbains et les emplois ne suivent pas le rythme de la croissance démographique” (Antoine e Diop, 1995:13). Contudo, a cidade oferece esperança e progresso. São estas oportunidades que explicam o porquê da importância da migração rural urbano, para a dimensão da urbanização e porque razão esta situação se mantém (Beall et al, 2009:9).

Simone (2003:2) refere que as cidades simplesmente não conseguem suportar as exigências que lhes são impostas. A cidade apresenta-se como uma nova oportunidade mas, em paralelo, resulta em novas necessidades. Aliado a isto está a rápida alteração na economia urbana, acompanhada por uma grande aglomeração externa (Beall et al, 2009:5).

Uma das grandes preocupações da inserção urbana reporta-se à questão do alojamento, pois isso vai significar: “la simple inscription – ou non-inscription – des individus dans l’espace de la ville” (Antoine e Diop, 1995:99). Os mecanismos para

criar este alojamento na cidade dependem da necessidade efectiva e das implicações que isso acarreta. Tanto é exequível encontrar quem viva com um grupo de pessoas, familiares ou não, numa residência comum e que compartilhem as despesas, como outros que são alojados pelos empregadores. Esta situação aplica-se usualmente a mulheres contratadas para fazer o trabalho doméstico e tratar das crianças. Outra das soluções passa por estar a trabalhar no meio urbano, mas ter sua residência efectiva no espaço rural. Não obstante estes aspectos, a escolha da residência não é feita sem considerar diversos aspectos que podem ajudar na transição e adaptação à cidade pois: “*l’insertion résidentielle des migrants dans l’espace urbain est loin de correspondre à un processus aléatoire. Au contraire les nouveaux arrivants ont tendance à se regrouper dans des quartiers où ils peuvent trouver des membres de leur parente – au mieux -, de leur caste, de leur communauté religieuse, de leur région ou groupe linguistique, ou – au moins – d’autres migrants partageant le même sort économique*” (Antoine e Diop, 1995:109).

Considerando deste modo que a escolha do local de residência passa pela procura de alguma familiaridade, o que significa procurar dentro da família, do mesmo grupo étnico ou de pessoas da mesma região, ajuda para a fixação de residência. Estes assentamentos informais, apesar de não serem ideais, fornecem uma oportunidade para as pessoas que esperam melhorar (Beall et al, 2009:9).

Igualmente é possível considerar que a situação económica é o factor central para a alteração do comportamento dos indivíduos, levando-os a adoptar atitudes que visem combater esses constrangimentos. Assim, “*faced with the worsening economic crisis and the constraints of urban living, people develop strategies to broaden their sphere of social interaction*” (Fall, 1998:141). As razões económicas, aliadas ao crescimento demográfico, originaram um aumento da concentração urbana. A crise económica produziu na cidade um impacto desproporcional relativa à sua capacidade em termos de infra-estruturas. Porém, as necessidades económicas são difíceis de uniformizar visto que, no espaço rural e urbano, essas necessidades são distintas (Wratten, 1995:11-13).

A adaptação a diferentes ambientes e contextos fez com que, devido à saturação do espaço urbano, existisse uma passagem crescente para o meio peri-urbano. Como consequência disso “*la croissance démographique des espaces péri-urbains que*

s’inverse la tendance antérieure (...) à s’installer prioritairement dans le centre-ville” (Antoine e Diop, 1995:191). A pressão demográfica fez com que existisse um verdadeiro *boom* no crescimento urbano e subsequente alargamento deste espaço¹⁴.

É necessário considerar o fenómeno de migração, não apenas como uma mera deslocação ou mudança de residência, mas também como a passagem de um contexto social para outro. Estas alterações passam pela transformação dos costumes e pela adaptação a novas condições. Assim, quando estas mudanças se fazem para um contexto urbano, existe uma mudança de comportamento dos indivíduos e das suas famílias, quer a nível social quer económico. A componente socioeconómica faz-se sentir nas relações de solidariedade com a família e na tentativa de integração nas estruturas já existentes. Estes dois processos estão interligados e, se forem satisfeitos, podem conduzir a um enraizamento dos migrantes (Antoine e Diop, 1995:40-41). Existe uma tendência para adotar uma perspectiva limitada, enfatizando a persistência do crescimento da pobreza urbana e das desvantagens sociais em vez de exaltar a dinâmica social urbana e o desenvolvimento que daí pode advir (Beall et al, 2009:10).

A troca ou cruzamento entre associações rurais e urbanas não é linear, já que o aparecimento destas associações é o resultado das estratégias adoptadas pelos indivíduos, a fim de satisfazerem as suas necessidades. À medida que as necessidades iniciais vão desaparecendo ou alterando-se, estas associações têm também a tendência a enfraquecer. O intuito destas associações não é o de substituir as instituições, mas sim de servir de facilitador na sua relação com elas (Fall, 1998:144-145).

Segundo Hesseling (1993:26-27), apesar de sofrer alguns ajustes, o tipo de relação social do espaço rural continua a reproduzir-se no ambiente urbano. O caso descrito por Hesseling, em Zinguinchor (Senegal), que fica no outro lado da fronteira do sector de São Domingos (Guiné-Bissau), é em tudo similar à realidade que se vive na Guiné-Bissau, onde o fenómeno urbano está cada vez mais presente, no qual ambiente existe uma preocupação em seguir os costumes e de os tentar adaptar à vida do meio urbano. “Urbanités and recent urban migrants looking for a plot or a house largely followed the unwritten rules of traditional law and customs, practiced in their village, and they accommodated these rules, if necessary, to the urban context” (Hesseling,

¹⁴ “La pression démographique (...) expliquent les modalités de la croissance urbaine dans les périphéries” (Antoine e Diop, 1995:191).

1991:13). Neste sentido, considerando a tradição oral com a grandeza que esta efectivamente tem, é um dos meios mais importantes de sociabilização e de arbitragem dos problemas da comunidade tanto no meio rural como no urbano (Antoine e Diop, 1995:194-195).

Enquanto a coesão social continuar a ser trabalhada e reproduzida, a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras é algo que pode provocar alguma ansiedade e conflito na África urbana (Simone, 2003:23). Esta tensão urbana persiste, já que existe uma expectativa em relação ao que é possível fazer na cidade e as relações sociais através das quais é possível atingir estas expectativas (Simone, 2003:29).

A inter-relação entre o visível e o invisível parece dominar as preocupações no espaço urbano. Isto significa que, não se sabe bem quem são as pessoas, nem o que fazem, sendo que a única situação clara é que cada um faz o que é possível para sobreviver. Com poucas oportunidades disponíveis e, muitas vezes, sem projectos concretos que lhes ocupem o tempo, existe uma aparente situação de espera entre as pessoas; espera por uma oportunidade. É possível encontrar grupos de pessoas que ‘esperam’ em frente das suas casas, nos pequenos mercados ou junto das ruas principais. Nestes locais têm uma posição privilegiada, onde passam a controlar a movimentação em volta. Uma outra perspectiva é que estas pessoas estão sempre disponíveis e, assim, podem a qualquer momento fazer qualquer tipo de trabalho, quer seja fazer pequenos recados, como ir ao mercado ou qualquer outro que seja necessário. Estas são duas perspectivas para a mesma situação. Combinando estes dois aspectos da ‘espera’ e da ‘movimentação’, neste ambiente urbano, a um certo nível não existe nada que não seja conhecido (Simone, 2003:31). Nesta atmosfera os segredos são difíceis de manter e passa a haver um certo controlo, já que tudo se sabe. Porque no espaço urbano tudo é difícil, existe uma maior tendência para a criação de ‘associações’ sempre que surge uma nova oportunidade, todos tentam beneficiar de alguma forma dessas oportunidades. Este tipo de situações pode ser um factor impeditivo para a consolidação dessas mesmas oportunidades, já que deixam de ser autónomos e independentes. Neste meio acaba por ser necessário experimentar diferentes formas de fazer a mesma coisa, mas estes esforços acabam por ter melhores resultados se forem feitos sem a pressão dos outros, que de alguma forma também querem ter benefícios.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

Assim, os indivíduos tentam fazer as coisas de forma discreta, tornando-se mais eficazes e salvaguardando a sua própria sobrevivência. E é desta forma que a ‘política’ do visível ou invisível no meio urbano se torna tão importante. Esta política não diz respeito apenas à simples identificação das pessoas ou grupos específicos responsáveis por um agregado, mas sim à capacidade de no espaço urbano serem geradores de recursos e oportunidades. Contudo, pode-se considerar que por vezes existe um efeito inverso, pois pode existir uma tentativa de demonstrar uma situação que não corresponde à realidade, ou seja, quando se está bem, parecer que não se está e o contrário também. Com estas tácticas torna-se possível, mediante uma determinada situação, usufruir de uma oportunidade ou então fugir a determinadas responsabilidades (Simone, 2003: 31- 32). Em suma, enquanto para uns o fenómeno de pobreza urbana e privação persiste, para outros existe uma atenuação efectiva (Beall et al, 2009:9).

Perante a crise, existe uma segurança contínua com o crescimento do número de estabelecimentos informais. Esta é a resposta que permite, de uma forma flexível, sobreviver tanto no espaço urbano como no rural, sendo possível constatar que este feito não é impeditivo nem prejudicial para a prosperidade económica nem para a proliferação de emprego (Antoine e Diop, 1995:235). As instituições nos centros urbanos são particularmente intrincados e por isso existe uma necessidade de estar alerta no que diz respeito à complexidade do formal e do informal e dos enredos das referidas instituições (Beall et al, 2009:6).

Em tempos de crise, as características diferenciadoras do urbano e do rural são sistematicamente trabalhadas e exploradas, tanto no meio urbano como no rural, como forma de sobrevivência (Antoine e Diop, 1995:240). Tanto que o aprovisionamento urbano é feito por comerciantes que, devido à sua origem, têm plantações e que se instalam na cidade de forma a poder vender os seus produtos hortícolas, beneficiando assim da ligação que estabeleceram entre o rural e urbano (Antoine e Diop, 1995:241).

A saúde é um outro aspecto importante que é esquecido, pois a urbanização não é olhada como um potenciador para a propagação de doenças, nomeadamente as de transmissão sexual. A mudança para a cidade é feita essencialmente por jovens, que partem à busca de melhores condições. Esta procura é feita tendencialmente sozinha e nunca acompanhada pela família, existindo assim uma maior propensão para a procura de outros parceiros e uma maior probabilidade de estar em contacto com doenças de

transmissão sexual. Como consequência destas práticas, acaba por existir um aumento na propagação das doenças de transmissão sexual para o espaço rural, devido ao retorno dos que estão na cidade.

A preocupação com a saúde no espaço urbano não passa só pelas doenças de transmissão sexual, mas também com as que estão ligadas à mortalidade associada à falta de saneamento. No entanto, o índice de mortalidade sofreu alterações com a implementação de saneamento básico e acesso a água potável. A disenteria e tifoide foram reduzidas drasticamente e, com a melhoria de meios médicos preventivos e de tratamento, sobretudo com a implementação do uso de antibióticos e vacinas, veio a resultar na redução da mortalidade. Este fenómeno é mais evidente no meio urbano, pois aí os meios de implementação destes cuidados são de mais fácil acesso do que no meio rural. Desta forma é possível considerar que no espaço urbano existe efectivamente acesso a melhores serviços de saúde, quer em termos de qualidade quer em quantidade, comparativamente aos que habitam em meios rurais (Garenne, 2003:2-6).

3. Migração, Crescimento Urbano e Segurança Alimentar

Apesar da extensão e gravidade do problema da segurança alimentar no meio urbano, enfatizada paradoxalmente por todos os autores, esta questão tem sido ‘camuflada’ sob a noção de abundância neste sector. Mesmo não correspondendo à realidade dos factos, o problema da segurança alimentar é quase sempre associado ao meio rural. Este paradoxo tem a ver com o facto de todos os autores enfatizarem a segurança alimentar nos espaços rurais, a verdade é que, como será demonstrado em outro ponto da tese, é no espaço rural que a maior parte das “boas soluções” se encontram. O acesso à terra e consequente produção agrícola nos espaços rurais tem sido uma das formas de colmatar a problemática da insegurança alimentar. A produção, mesmo não sendo a ideal em termos quantitativos e qualitativos, consegue minimizar as dificuldades que vão surgindo no dia-a-dia.

Contrariamente ao que acontece nos meios rurais, no espaço urbano, garantir a segurança alimentar passa por ter meios de comprar os produtos colocados à disposição

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

no mercado. Os custos e o aprovisionamento dos espaços urbanos e a sua dependência de produtos básicos, podem gerar consequências na sua sustentabilidade, situação que pode ser acentuada ou não, dependendo da sua localização, bem como dos transportes e recursos (Simone, 2003:16). Os preços influenciados pelos mercados internacionais, devido à grande dependência do arroz ou do trigo importado, resulta para os consumidores, tanto rurais como urbanos, que estes sejam afectados pela subida internacional do preço dos cereais (GIEWS, 2008:3).

São diversos os desafios, pois para antecipar o crescimento da população a produção alimentar teria que aumentar significativamente e os recursos naturais para garantir esta produção são finitos e vulneráveis à degradação climática (Bayo, 2006:117).

Verificando que existem variações das necessidades, quer em termos de custo de vida entre as áreas rurais e urbanas, certos produtos básicos, essenciais na alimentação, no espaço urbano tem que ser comprados. O mesmo não sucede com os moradores rurais, pois estes podem obter estes alimentos das terras que cultivam, tendo como custo o trabalho que a lavoura implica (Wratten, 1995:13). A Insegurança Alimentar urbana não é assim reconhecida muitas vezes como tal, pois continua a ser encoberta através da importação de alimentos, fomentando mais o agravamento desse mesmo fenómeno (Lourenco-Lindell, 1995:196). Isto significa que a aparente abundância de alimentos e o acesso facilitado a alimentos importados pode levar a uma acomodação e redução da produção e conseqüente dependência da importação.

De acordo com Sanches (2003:14), com a crescente problemática da salinidade das *bolanhas* e conseqüente redução da produção de arroz, os centros urbanos passam a ser afectados por esta situação, pois estes passam a viver numa situação de maior vulnerabilidade no que diz respeito à segurança alimentar. A agricultura é um aspecto fundamental para a sobrevivência e a fraca rentabilidade que daí advém é um dos motivos pelo qual existe migração. No entanto quando existe a necessidade efectiva de trabalhar a terra existe sempre um retorno nem que seja por um período curto de tempo, o que, aliás, é uma das justificações dadas pelos que abandonam o meio rural e se fixam no meio urbano de um modo quase permanente (Mendy, 1997:55).

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

A dinâmica da população urbana e as implicações que esta tem na segurança alimentar, apresenta-se como uma questão crítica, pois o rápido crescimento populacional na cidade não tem sido acompanhado de meios que visem salvaguardar a alimentação para os mesmos. Existe a necessidade de uma correlação entre a produção e consumo e isso não acontece nos espaços urbanos. Esta correlação, sendo negativa, vai implicar uma situação de crise pois, não existindo uma fonte de produção alimentar local, resulta num esforço maior para a obtenção dos bens alimentares, com custos associados ao transporte das áreas rurais para a cidade e ao recurso à importação devido a esse deficit alimentar. Nos espaços rurais a produção agrícola existe mas com uma produtividade baixa, sendo que nos meios urbanos e peri-urbanos os terrenos agrícolas são insignificantes face às necessidades (Bayo, 2006:113-114).

É pouco provável que os migrantes que vivem em áreas urbanas recebam qualquer tipo de ajuda monetária ou nutricional e isso torna-se num desafio para a satisfação das suas necessidades materiais. Estes, para fazer face às despesas, acabam por recorrer a trabalhos do sector informal. Está assim generalizada a ideia de que a segurança alimentar no espaço urbano não é motivo de preocupação (Landau, 2004:23). De acordo com Wratten (1995:11), examinar como e por quem é assegurada a segurança alimentar dentro dos espaços urbanos, fazendo desta forma um contraste com as políticas existentes que abordam esta situação e criando medidas a implementar e as ligações efectivas com o espaço rural, são aspectos a considerar.

A agricultura urbana é colocada à margem, existindo na população urbana um problema efectivo do uso e organização deste recurso pois, apesar da crescente necessidade de terras para produção alimentar, não existe ainda um esforço efectivo para que isso aconteça. Existe, pelo contrário, uma predominância da urbanidade, e resultante disso, subsiste uma perda na base alimentar, ficando a produção agrícola ainda mais ameaçada (Bayo, 2006:116).

A realidade é que existe uma agricultura urbana de subsistência, mas cujas condições não são suficientes para persistir de uma forma sustentada. Os hábitos alimentares também tendem a sofrer alterações, pois existe uma maior probabilidade de nos espaços urbanos ter acesso a produtos alimentares importados mais variados do que nos espaços rurais. A disponibilização destes produtos importados pode ser interpretada como um sinal de desenvolvimento ou justamente o contrário: significar uma

incapacidade de fazer face às necessidades alimentares e, por isso, existir uma necessidade efectiva de suplantar esse deficit alimentício através da importação (Wratten, 1995:13). A discussão sobre a urbanização e o fenómeno urbano e as suas dimensões, tal como as estratégias de sobrevivência e o fenómeno da migração, como contributo para o enfraquecimento da economia rural, é uma das questões fulcrais para o estudo da segurança alimentar (Landau, 2004:2-3). De acordo com um estudo efectuado pelo INEP – Guiné-Bissau (Estudo Diagnóstico e Socioeconómico nas Zonas de Intervenção da ADRA- Norte da Guiné-Bissau, 2004:35-36), a agricultura em São Domingos é de subsistência, cuja produção não consegue satisfazer as necessidades dos produtores. Contudo, apesar de esta agricultura ser essencialmente de subsistência, continua a desempenhar um papel importante para assegurar a segurança alimentar, pois consegue garantir a segurança alimentar e ainda criar algum excedente para o pequeno comércio.

Sendo assim, esta tese desenvolve-se segundo duas linhas de análise: uma direccionada para o levantamento da situação alimentar no meio urbano, no caso da cidade de Susana e São Domingos, e outra que se desenvolve segundo o eixo da contribuição ou não que a fixação na cidade de rurais tem para a melhoria da situação da segurança alimentar.

O trabalho de campo foi efectuado entre Novembro e Dezembro de 2009, perfazendo um período de três semanas. No essencial a informação foi obtida através de conversas, a partir da observação participante e da realização de entrevistas. Para isso foi fundamental conseguir que as entrevistas decorressem de “forma muito aberta e flexível” e que se evitassem “fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas” (Quivy, 1995:69). Parte desta informação foi registada por escrito *in loco* e outra através de suporte magnético pois “é indispensável gravar a entrevista”. Tomar notas foi fundamental, sendo “muito útil e não apresenta inconvenientes anotar, de tempos a tempos, algumas palavras destinadas simplesmente a estruturar a entrevista ” (Quivy, 1995:76-77).

Foram contactados os que, pela sua experiência/vivência poderiam de alguma forma contribuir para a elaboração desta dissertação. Desde agricultores, comerciantes, comité de tabanca e comité de sector, uma presidente da associação de mulheres, ao presidente da associação de jovens, todos eles permitiram uma visão global das várias

percepções, dependendo da idade, sexo e contexto de cada entrevistado. Foram assim testemunhas privilegiadas uma vez que são “pessoas que, pela sua posição, acção ou responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema” (Quivy, 1995: 71). Esta abordagem e a opção de fazer estas entrevistas, deveu-se ao facto de três semanas de terreno não serem suficientes para utilizar métodos muito formais e estruturados pois neste contexto “certas técnicas sofisticadas de análise de conteúdo, não são tão adequadas ao trabalho” (Quivy, 1995:69).

Com estas entrevistas foi possível ouvir o que tinham para dizer, não sendo necessário colocar perguntas precisas, e foi possível constatar novas dimensões sobre a questão da urbanização, que apenas pela pesquisa bibliográfica não era possível considerar. Assim, as “entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou rectificam o campo de investigação das leituras” (Quivy, 1995:69). Neste quadro o caderno de campo foi de extrema importância, pois serviu para tomar pequenas notas do que os interlocutores diziam e do que foi possível observar. Não obstante isto, o trabalho foi feito com base em levantamentos empíricos feitos no terreno, mas também com base em fontes bibliográficas pois, quando se “inicia um trabalho, é pouco provável que o assunto tratado nunca tenha sido abordado por outra pessoa” (Quivy, 1995: 50).

No decorrer das entrevistas, foi crescendo um à vontade com os interlocutores, e “é importante que o entrevistado possa exprimir a própria «realidade» na sua linguagem” (Quivy, 1995:75). Ver torna-se frequentemente mais rentável do que perguntar, não obstante a isso, qualquer pergunta que se queira fazer deve incidir como um pedido de esclarecimento e não como uma pergunta propriamente dita. “O entrevistador deve esforçar-se por *fazer o menor número possível de perguntas*. A entrevista não é um interrogatório nem um inquérito por questionário” (Quivy, 1995:74).

Na prática o que foi feito foi a aplicação de entrevistas semidirectivas ou semiestruturadas, pois as entrevistas são sempre pedidas pelo investigador e não pelo interlocutor. O tema de conversa esteve sempre ligado ao tema de investigação. “Refere-se mais ou menos directamente ao tema imposto pelo investigador, e não àquilo de que o interlocutor deseja falar” (Quivy, 1995:74).

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

No entanto, esta incursão ao terreno poderá não ser tão simples como aparenta, pois um trabalho realizado num curto espaço de tempo, pode levar ao erro das primeiras impressões e aos juízos de valor. “ Levado pela ilusão da transparência, afunda-se na armadilha da confirmação superficial de ideias preconcebidas” (Quivy, 1995:70). O bom senso e o sentido de oportunidade devem estar presentes. Assim, para além do levantamento empírico é fundamental recorrer do trabalho feito pelos outros.

CAPITULO 2: O ARROZ NO CENTRO DO MUNDO FELUPE

1. A Região em Contexto

São Domingos é um dos sectores administrativos da Guiné-Bissau, com fronteira delimitada a Norte pelo Senegal, a Este e a Sul pela Guiné Conakri e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Uma das secções pertencentes ao sector de São Domingos é Susana. Casamansa é o nome do reino Jola que ocupou uma zona do sudoeste do Senegal, entre o enclave da Gâmbia (ao norte) e a Guiné-Bissau (ao Sul). Com uma superfície de 30.000 km² é atravessada de este para oeste pelo rio do mesmo nome (ao longo de 300 km) que tem como principais afluentes Diouloulou, Kamobeul e Soungrougrou.

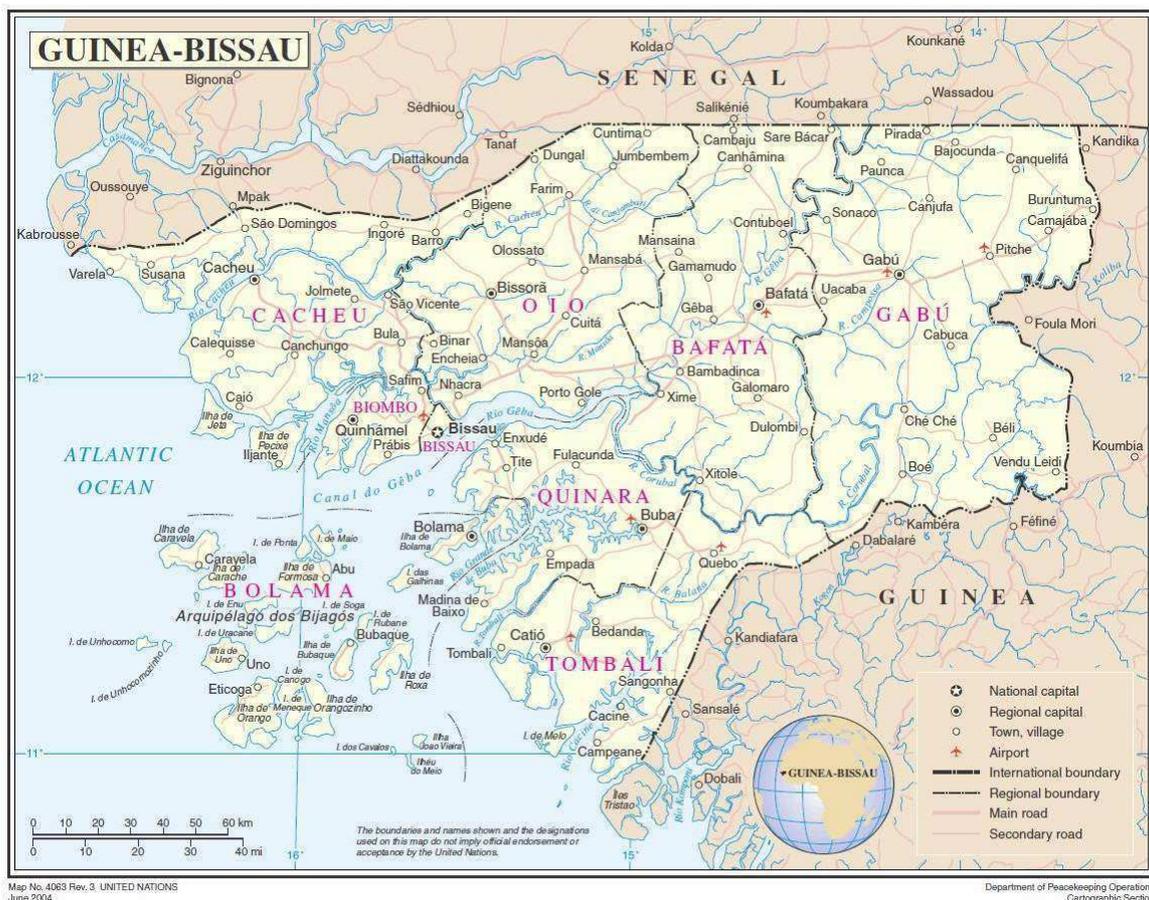


Figura. 2.1. Mapa da Guiné-Bissau Fonte: Nações Unidas (disponível em <http://www.un.org/Depts/Cartographic/english/htmain.htm>)

Devido à sua posição privilegiada São Domingos é a primeira cidade da Guiné-Bissau no eixo Bissau-Zinguinchor (Senegal), recebendo assim todos os que pretendem atravessar a fronteira, sendo que o motivo principal destas deslocações está ligado à necessidade de comércio (Mendy, 1997:50). Consequentemente o acesso a produtos importados é maior. Em São Domingos e Susana foi possível constatar, através da observação no terreno, que existe uma grande dependência dessa importação.

A região em estudo é uma terra ancestral Felupe¹⁵ que de acordo com a descrição de Silva (1983: 160): “os Felupes se estendiam desde o rio Gâmbia até ao sul do rio Cacheu, pouco penetrando para o interior. Viviam na costa, junto aos inúmeros esteiros, rios e riachos que cortam a Senegâmbia e a região Susana-Varela”. Este autor refere também que os Felupes estão localizados “ao norte, uma linha recta à distância de cerca de seis quilómetros da margem sul do rio Gâmbia até encontrar, a Este, uma linha recta que parte da foz do rio Songrougrou. Aí, desce o rio Casamansa até cerca de 5 quilómetros para além de Ziguinchor, onde inflete novamente para Oeste até próximo da povoação de S. Domingos, acompanhando a Sul, o rio Cacheu até a sua foz. A Oeste, essa região é limitada pelo Atlântico” (Silva, 1983:163). Existem dois tipos de Jolas na Guiné, os chamados Bayotes¹⁶ (joola-bayot) e os Ajamaat¹⁷ que se intitulam a eles próprios como jola-felupe.

A grafia para designar termos felupes sofre variações dependendo de quem a usa. “ Os Felupes do território da Guiné usam a palavra âdjolau (plural: âdjolai) para se designarem e consideram três ramos na raça: cadjamtai (os dos territórios do norte), calupaco (os do sul) e caciquenei (Baiotes)” (Silva, 1983: 165).

¹⁵ Na elaboração deste trabalho usa-se somente o termo Felupe em referência a um sub-grupo da etnia Jola, como esclarecido na introdução.

¹⁶ *Kassikeney*. Apesar de serem adoptadas diversas grafias, neste trabalho foi adoptada a utilizada por Linares.

¹⁷ *Ajamaat* (sing.)/ *Kujammat* (pl.), que se refere ao povo, *Kajamutay* remete para a região e *Kujamutay* é a língua.

1.1 A Importância na Organização Económica do Clima: O Arroz no Centro do Mundo Felupe

O clima da zona onde se integra São Domingos e Susana provém da sua posição geográfica, já que está situada entre o Equador e o trópico de Câncer, entre o oceano Atlântico e o bloco sudânes-saheliano. Com um clima tropical, a temperatura média anual é de 26°C, com duas estações: de Maio a Novembro, a estação húmida, e de Dezembro a Abril, a estação seca. As primeiras chuvas surgem normalmente em Maio e aumentam gradualmente até Agosto, onde atingem o ponto mais alto, continuando até finais de Outubro. Os chamados solos de mangue são solos salinos. Estes solos são utilizados para a orizicultura principalmente em *bolanha* salgada. Os principais recursos florestais da Guiné-Bissau estão situados na faixa entre o rio Cacheu e a fronteira com o Senegal. Cerca de 400.000 hectares são utilizados para actividades agrícolas. As culturas de arroz, amendoim, mandioca, sorgo, batata-doce, caju, entre outros fazem parte das culturas que aqui predominam (Direcção Geral do Ambiente, Ministério dos Recursos Naturais e do Ambiente, República da Guiné-Bissau, 2008: 28-30).

Este clima é o ideal para o cultivo do arroz pelos Felupes já que estes são predominantemente agricultores. O arroz para além de ser um dos pilares da economia Felupes é também um símbolo de vida. O arroz é o alimento base tratando-se de um sinónimo de riqueza e usado como oferenda nos rituais tradicionais (Guilera, 2005:86). “ Se morrer algum membro da família, esta disporá de arroz suficiente para o choro e não passará pela vergonha de ser criticada pelos que vêm celebrar o passamento” (Silva, 1983:193). Eles usam métodos sofisticados para o controlo e distribuição da água da chuva através da construção de diques, do aproveitamento do estrume dos animais para fertilizante e da transplantação do arroz.



Figura 2.2. Transplantação de arroz. (Fonte: Linares, 2002:16363)

A transplantação é considerada uma das tarefas mais difíceis de se realizar, pois “transplanting is often described as the most labor-consuming and onerous task” (Linares, 1992:19). Para auxiliar no cultivo recorrem ao uso do *Kajandu*¹⁸.



Figura. 2.3 Homem em Susana com um *Kajandu*. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Existem duas espécies principais de arroz¹⁹, das quais surgem diferentes variedades. Em 1960, eram feitos relatos nos quais os Felupes cultivavam diferentes

¹⁸ *Kajandu* é uma ferramenta utilizada para o cultivo do arroz, uma espécie de enxada; a *kanata* é uma outra variedade

variedades da *Oryza glaberrima*. A escolha da semente do arroz a ser utilizada é feita tradicionalmente pela mulher, uma vez que esta é capaz de reconhecer as diversas variedades com base no tamanho e no número de grãos de cada espiga.

No entanto, a escolha entre a variedade africana²⁰ e a variedade asiática tem em conta inúmeros aspectos, focada essencialmente sobre a taxa de maturação, o tempo de crescimento das variedades, o tamanho da espiga, pois quanto mais alta for a espiga mais fácil se torna a sua colheita, no entanto também apresentam desvantagens como a sua tendência para cair. O tipo de solo a cultivar é outro dos factores decisivos para a escolha da espécie e da variedade. É de extrema importância a escolha acertada da semente para cada sector do campo. Pelo conjunto destes vários factores as mulheres fazem uma troca constante entre elas de sementes até ser feita a melhor escolha.

Apesar disso, o que se verifica é que culturalmente a escolha recai na variedade que produz um arroz com melhor sabor, que é descascado com maior facilidade, que seja cozinhado mais facilmente e com o máximo de sabor²¹.

As alterações climáticas têm vindo a alterar a escolha da espécie e das variedades. Se antes o cultivo da variedade africana era predominante, cada vez mais a escolha recai na *Oryza sativa* (arroz asiático). A drástica diminuição da precipitação e os anos de seca tiveram um profundo impacto na agricultura praticada pelos Felupes. Assim a *Oryza glaberrima*, mesmo tendo variedades com uma maturação rápida, mas cujo rendimento é relativamente baixo e pela dificuldade em fazer o seu descasque, veio gradualmente a desencorajar o cultivo desta espécie (Linares, 2002:16360-16365).

Curiosamente o arroz africano é o arroz eleito para a celebração das cerimónias tradicionais²². Este arroz africano é armazenado e guardado para estas ocasiões, tanto

¹⁹ *Oryza glaberrima* (variedade africana) e *Oryza sativa* (variedade asiática)

²⁰ O arroz é o centro do mundo Felupe, de acordo com Journet-Diallo: “la pratique d’une riziculture inondée, d’origine locale, et qui reste au cœur des préoccupations matérielles sociales et religieuses des villageois “ (1997 :81). As variedades africanas de arroz continuam a ser usadas para as cerimónias tradicionais, sendo que as variedades asiáticas, que são uma variedade importada, são usadas para o comércio e também na alimentação diária. Existem plantações com sementes das variedades africanas e plantações de variedade importada (asiática) (Linares, 2002 :16360).

²¹ Linares refere que: “women’s choice of which varieties to plant have to do with their taste ” (2002:16363).

²² Linares confirma que: “ traditions relate that the supreme deity, the rain “god” known as Emitai, gave (...) (*O. glaberrima*) to the ancestors. This rice carried a life-giving power that explained the ultimate origins of the land that Emitai had bestowed upon the inhabitants. For this reason, some varieties of *O.*

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

que a variedade africana é usada quase exclusivamente para as cerimónias e a asiática é consumida diariamente, não obstante a primeira saciar mais a fome (Linares, 2002:16363).

Assim o cultivo, produção e consumo do arroz está no centro das actividades agrícolas e por extensão, configura uma parte substancial da vida política, social e cultural dos Felupes.



Figura 2.4. Processo de descasque do arroz, separação do arroz e do farelo. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

O arroz não está só presente no dia-a-dia, mas também nos momentos de celebração. No que se refere à sua produção²³ é feita com o contributo de homens e mulheres. No caso de Susana foi possível presenciar ao descasque do arroz feito pelas mulheres.

Apesar de a mulher ter um papel primordial no cultivo do arroz o homem também participa. A mulher tem como função a desmatação dos campos para a

glaberrima should always be planted, to preserve the link to the ancestors, and to Emitai, who sends rain “ (2002:16363).

²³ Qualquer das tarefas desempenhadas tanto por homens ou mulheres são imprescindíveis para a boa produção e sucesso da colheita. Tanto que seja no caso dos homens, na manutenção dos diques, como no caso das mulheres, na transplantação, o insucesso no desempenho destas funções é condição suficiente para a família entrar em ruptura.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

plantação do arroz de montanha e o transporte de adubo para a *bolanha* (Abril a Junho), é responsável por tirar as ervas a fim de assegurar a manutenção do arroz de montanha (Julho a Agosto), faz a plantação de arroz nos viveiros e/ou montanha (fins de Junho a Julho), certifica a transplantação do arroz de *bolanha* (Agosto a Setembro), faz a colheita do arroz de montanha (Setembro e Outubro), a colheita do arroz de *bolanha* (Outubro a Janeiro) e por fim encarrega-se do transporte do arroz colhido para os celeiros (Janeiro a Fevereiro). O homem, por sua vez, é responsável pela manutenção dos diques (Fevereiro a Abril), por fazer a desmatação dos campos para o arroz de montanha (Abril a Junho) e pela lavoura das bolanhas (fins de Julho e Agosto). De acordo com os informantes este é o actual calendário agrícola e é desta forma que as tarefas são distribuídas.



Figura 2.5 Campo de arroz em Susana. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

1.2 Ligação Cultural, Política, Religiosa e Social

A religião desempenha um papel importante nesta sociedade, ligada aos variados aspectos da vida dos Felupes, fazendo com que nenhuma das instituições tenha um comportamento independente, a religião vai penetrando uns e outros. Assim sendo é uma tarefa difícil distinguir o aspecto religioso do político. No entanto, não se deve “divinizar” o universo religioso, já que o predomínio deste último elemento poderia

minimizar a dimensão do aspecto político, que contribui também para a estruturação da sociedade Ajamaat²⁴.

Journet-Diallo (1997: 81-82) caracteriza os Felupes como: "une organisation sociale de type «acéphale», avec une faible hiérarchisation des statuts liés à la naissance; [...] une patrilinéarité traversée d'hésitations (en particulier quant aux rizières confiées à une fille du lignage); [...] un même attachement aux pratiques liées aux cultes des *ukin* (sing. *bákin*, terme polysémique désignant à la fois l'entité propitiée, le sanctuaire et les éléments matériels qui le composent); [...] des modes de division similaires du travail, de l'espace et du temps".

Esta concepção de se tratar de uma sociedade acéfala é também defendida por Linares (1992:5), pois os Felupes não possuem estruturas sociais ou políticas centralizadas e são descritos como: "as "acephalous", for they lack the socially stratified and politically centralized structures".

Como "reino sagrado", Jola ou outro, entende-se a "forma de governo que assenta sobre um princípio monárquico, ou seja sobre a primazia de um indivíduo reconhecido pelo seu nascimento, ou promovido devido a certas qualidades (visíveis ou não, físicas e/ou morais), detentor único de autoridade legítima suprema sobre um determinado conjunto social" (Adler, 2000: 12). No caso dos Felupes a figura que encabeça esta estrutura multifacetada é chamada de *Ai*²⁵. O *Ai* simboliza todo o poder de uma comunidade. Representa a prosperidade, harmonia e paz, " *ai*, symbolizes the power of the entire community. For he stands for collective peace, harmony and prosperity" (Linares, 1992:41).

Todavia, como chama a atenção Palmeri (1995: 59), esta instituição pode levantar algumas questões, já que se baseia pela conceptualização do poder político como subordinado da esfera religiosa. Assim, segundo Palmeri, "la religion s'insérait dans les autres éléments du social de façon si étroite que quelque le fait, il pouvait se lire sous un angle religieux et vice-versa". Este autor considera o *Ai* (Rei) como

²⁴ *Ajamaat* é o grupo Jola que se encontra na região fronteiriça com a Guiné-Bissau, a sudoeste de Oussouye e de Huluf e que engloba povoações como Kahem, Essukujak e Kerouhey e significa "membro da espécie humana", pessoa.

²⁵ Rei=*oeyi/eii*

sacerdote de qualquer *bakiin*²⁶ (espírito intermédio entre Deus e o homem) que possua um certo poder político. “ D’autre part, le pouvoir qui lui est attribué est très flou et s’exerce exclusivement qu’avec les groupes de prêtres les plus importants des fétiches ” (Palmeri, 1995: 74).

Aliás são estas especificidades da sociedade Felupes que permitem elucidar o grau de centralização da sua organização política e social. Esta sociedade, ainda hoje, apesar de multipontos de vista, é uma sociedade tradicional²⁷.

Muitos autores defendem a ideia que tanto o *Arambeu*²⁸ como o *Aí* encarnam a tradição modelando o presente e favorecendo a reunião dos elementos sociais e culturais de uma nova maneira. O *Aí*, ou figuras do tipo do *Arambeu*, são considerados intermediários do homem com o *Emitay*²⁹, representam a vontade da povoação. Assim fundem o elemento sagrado e o elemento profano, sendo animados pela vontade divina e pela vontade humana. O que distingue o *Aí* do *Arambeu* é que este último é um régulo e apenas assegura a “reinança”, acabando assim por assumir funções sacerdotais e reais. Contudo o *Aí* em termos de importância está em primeiro lugar já que existem algumas cerimónias que só podem ser realizadas por ele. Tal como é dito por Diatta (1998: 58-59): “Nous savons que le roi est le prêtre par excellence, celui autour duquel tourne toute la vie liturgique et gouvernementale de la cité. Dans la religion traditionnelle, il n’y a aucune séparation entre le religieux et le profane”. Para os Felupes o *Aí* e o *Arambeu* são efectivamente os intermediários do *Emitay*, assim “na organização Felupe, todo o poder pertence aos mortos ; os vivos são agentes passivos desse poder “ (Silva, 1983 :175).

²⁶ *Bakiin* (sing.), *ukiin* (pl.) (*spirit-shrines, altar*)

²⁷ Como tradição entendesse: “ l’ensemble de valeurs, des symboles, des idées et des contraintes qui détermine l’adhésion à un ordre social et culturel justifié par référence au passé, et qui assure la défense de cet ordre contre l’œuvre des forces de contestation radicale et de changement” (Balandier, 1986: 105).

²⁸ Sacerdote poderoso que também pode acumular a função de régulo, na qual se torna num substituto do rei. Esta substituição acontece apenas nas tabancas onde não há rei, e nestas situações o sacerdote que passa também a ser régulo, tem que passar por uma iniciação ou seja uma espécie de “curso” para passar a assumir também essa função.

²⁹ Deus



Figura 2.6. Régulo de Susana. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

“Na organização Felupe (...) é a total ausência de um poder civil (...) um resquício de poder civil, só no conselho dos anciãos, formado em cada tabanca pelos chefes de família e a que preside aquele, dentre deles, tido como mais inteligente – capacidade de discernimento aliada à faculdade de execução, ponderação e percepção rápida.”

“Os homens são governados pelo costume e pela vontade dos mortos e, por isso, a quando das festas de iniciação, todos recebem uns rudimentos de cultura em que a revelação das normas de conduta está na base. (...) o que é Bem ou o que é Mal define-se (...) pelo costume...(...) o crime, para os felupes, não implica, em princípio, actos volitivos porque se refere aos resultados e não à intenção. Porque os felupes respeitam a propriedade alheia, é raríssimo surgirem questões a propósito de contratos” (Silva, 1983: 173-207).

“Nasci em 47, depois nestes anos longos não vi nenhuma diferença porque nós vivemos, principalmente na nossa etnia (Felupe), os nossos pais dizem para não agredir qualquer um que escolha qualquer religião, porque a religião depende de cada um, por isso nem nada nem nada, estamos tranquilos (...) seja quem for uma

etnia como a nossa, queremos viver todos juntos, nós não queremos como os nossos antepassados dizem, qualquer alguém que vem para guerrear ou arranjar qualquer problema (...) tiramos até três vez, mas a quarta vez vamos guerrear.” (H. D. D., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

No entanto com os Felupes ao contrário dos outros povos com quem contactaram, não existem formas organizacionais que ultrapassem os limites da tabanca³⁰, contudo existem relações de interdependência fortes entre as várias aldeias, assim “le village, *esukey*, subdivisé en quartiers et sous-quartiers, est sans doute l’unité sociale la plus affirmée” (Journet-Diallo, 1997: 84).

“A organização social do (...) felupe pode considerar-se familiar, visto que a unidade social é constituída pelo conjunto dos membros da família, sendo a filiação feita pelo pai que também é o respectivo chefe (...) o regime territorial existente (...) é o de propriedade familiar, constituindo, no entanto, cada povoação uma unidade social independente” (Taborda, 1950: 545-550). Todavia, muito embora o peso das unidades familiares³¹ e, apesar da autonomia das populações, as famílias têm uma relação de proximidade familiar entre tabancas. Assim é possível “ no território da Guiné se verifica na região de Susana que 7820 pessoas pertencem a 22 povoações, o que dá uma média de 355 habitantes por povoação. A maior que é a povoação de Jufunco, tem 862 habitantes, seguindo-se-lhes Susana com 796” (Silva, 1983:162). No entanto, o que se verifica inicialmente é que estas povoações estavam localizadas de uma forma estratégica e defensiva pois a “própria organização social e política dos Felupes explica-se essencialmente pela necessidade de defesa” (Silva, 1983:163). Os Felupes foram sempre caracterizados como difíceis de amansar, em virtude de sempre terem demonstrado vontade de ser livres, foi dito que: “ the unruly and “savage” Fulup were impossible to sugjugate” (Linares, 1992:90).

Mas após a guerra de pacificação e real instalação dos colonos, os Felupes passam a estar mais expostos às influências exteriores, assim o isolamento até ai então vivido é gradualmente fragmentado e assim “ le pays floup est moins isolé et plus vulnérable aux influences extérieures que les villages essoulalou” (Pélissier, 1966: 498). No entanto os Felupes tentam manter de alguma forma rasgos desse isolamento,

³⁰ O termo tabanca é um termo crioulo e refere-se a uma povoação, que depois se organiza por bairros.

³¹ Aliás a sociedade Felupe assenta sobretudo na unidade familiar.

que ainda é possível constatar nas relações comerciais, já que ainda não participam de uma forma activa e encontram-se à margem destas actividades. “Les Floup ne participant encore que de manière très marginale à l’économie d’échange” (Pélissier, 1966: 498).

2. A Unidade Familiar e os Rituais Tradicionais

Tanto os homens como as mulheres estão organizados de forma a cumprir com as suas responsabilidades dentro da família, mas também dentro das suas respectivas classes de idade, nomeadamente no que se refere aos rituais de iniciação. Existe uma primeira iniciação chamada de *Ākuriau*³². Esta iniciação é permitida a todos, homens e mulheres. Para fazer a iniciação o homem tem de ser casado, a mulher só depois dos 37/40 anos de idade. Cada ano, ou de dois em dois anos, as pessoas escolhidas fazem o *ākuriau*. Quem tem esta iniciação já tem poderes e já tem um grau superior. “Os homens fazem parte, simultaneamente, da organização familiar e das respectivas classes de idade e têm de cumprir (...) as normas costumeiras que regem os respectivos grupos” (Silva, 1983: 174).

Existe um outro tipo de iniciação exclusivo, restrito aos homens, e que é a circuncisão.³³ Esta iniciação trata de completar um ciclo: depois da festa do *fanado* o homem torna-se numa pessoa completa. Porém este evento acontece sensivelmente apenas de 30 em 30 anos e de forma rotativa entre as tabancas (a título de exemplo, se a festa do fanado ocorre agora em Varela, depois passa para Catão e 30 anos depois volta para Varela, o que significa que os 30 anos é o espaço de tempo que demora para que a cerimónia se realize na mesma tabanca, ou seja, demora 30 anos a dar a volta a todas as tabancas). Todavia existem algumas regras para a admissão a esta iniciação, só a partir dos seis anos de idade é que é permitido o acesso a este rito e, como existe esta rotatividade entre tabancas, pode acontecer o pai e o filho serem iniciados na mesma altura, isto porque “ a festa do fanado (circuncisão) em cada tabanca felupe e como só a

³² *Ākuriau* significa espírito e seu santuário; redemoinho, turbilhão. Aqui a grafia utilizada foi a de Taborda.

³³ *Fanado* (palavra crioula).

partir dos seis anos os homens podem ser admitidos a esse rito, sucede que, por vezes, pai e filho são iniciados conjuntamente” (Silva, 1983:188). Para um dos meus informantes³⁴, a importância que o fanado desempenha nas várias sociedades guineenses, especialmente na felupe, onde a circuncisão terá sido introduzida provavelmente por volta da segunda metade do séc. XIX é decorrente da infiltração muçulmana. De referir que a quarta cerimónia de iniciação com circuncisão ocorreu em 1987 em Cassolol.

A relação familiar é patrilinear, o que significa que os filhos resultantes do casamento fazem parte da linhagem do pai³⁵. Mas a mulher ao casar nunca perde os vínculos com a sua linhagem, contudo com o casamento passa a fazer parte da linhagem do marido.

“Quando um Felupe fala na sua família, tem em mente só aqueles que vivem debaixo da autoridade de seu pai, avô, tio ou irmão, que habitam na mesma tabanca e descendem de um antepassado comum. A este princípio rígido só se abre uma excepção: as mulheres que, pelo casamento, entram no agregado, ficam fazendo parte da família. [...] A mulher, pelo casamento, não perde os laços que a prendiam à sua anterior família (...). [...] Na linha recta ascendente a partir do avô, todos são avôs e na linha colateral, os mais velhos, mesmo sendo primos, são considerados tios e os mais novos sobrinhos, enquanto que os da mesma idade são «irmãos»” (Silva, 1983:180-182). As relações de parentesco aqui não podem ser confundidas com relações biológicas.

As relações de parentesco assumem assim uma grande importância na forma de organização social. O casamento não significa apenas a ligação entre duas pessoas, mas também dos grupos a que elas pertencem. Os Felupes têm restrições neste último aspecto em virtude de o casamento estar cingido aos Felupes. O trabalho da mulher é fundamental para a manutenção das *bolanhas* e o homem Felupe sabe disso e por isso procura sempre outra mulher Felupe para o casamento. Já a mulher Felupe é livre de casar com um homem de qualquer etnia³⁶.

³⁴ Padre Zé, que está em Susana desde 06 de Setembro de 1968, é conhecedor da língua e cultura felupe. O interesse deste informante é num ponto mais à frente deste texto relatado.

³⁵ “Children ‘belong’ to the father’s group” (Linares, 1992:63).

³⁶ “Os Felupes de uma tabanca podem casar com mulheres dessa ou de outra tabanca, mas não com mulheres de outras raças. Esta proibição não é absoluta pois filia-se unicamente na convicção de que só uma mulher Felupe pode ajudar convenientemente o marido na lavra das *bolanhas*, lavra violenta e que requer conhecimentos especiais” (Silva, 1983:182).

Os Felupes também são patrilocais o que significa que pertencem à tabanca do pai. No entanto, em caso de casamento se o filho optar por não ficar no terreno do pai e pretender fazer uma construção num outro local, poderá fazê-lo no bairro da mãe porque será considerado um sobrinho da terra. Ele não pode ir viver para outro bairro, que não seja o do pai ou da mãe. Usualmente as tabancas têm cinco bairros, sendo que cada bairro tem várias *moranças*,³⁷ no entanto o que é possível verificar é que agora já é possível encontrar-se outro tipo de organização, ou seja, uma única casa que pode ter ou não uma cerca, mas que corresponde a uma só família, ao lado construída outra casa de uma outra família, tendo sido possível constatar essa situação no trabalho de campo realizado em Novembro e Dezembro de 2009 em Susana. “Une famille dispose d’un certain nombre (entre cinq et dix en moyenne) de petites maisons de ce type dont tous les *kafat* sont contigus et limitent des ruelles convergeant vers une petite place commune qui fait ici fonction de *hank*, à moins qu’ils ne la cernent directement” (Pélissier, 1966:499-500). A convivência deste conjunto num espaço comum caracteriza as relações da *morança*, ou seja, como uma unidade residencial³⁸.

A propriedade é da família. O pai, como chefe da família, é o dono da casa e das *bolanhas*, mas todos os elementos da família trabalham para a sua manutenção. Em caso de ausência do pai ou morte deste é o filho mais velho que é encarregue de manter a casa e as *bolanhas*. As *bolanhas* vão passando de geração em geração. “A propriedade baseia-se no trabalho e assim, porque os campos e as casas são produto de um labor da família só ela *possui* esses campos e casas. [...] A preparação das *bolanhas* e campos de cultura exige o trabalho de muitos, e durante alguns anos. Exige ainda a vigilância constante para que se mantenham aptos a produzir e, daí, o dono ser uma colectividade – neste caso a família” (Silva, 1983:191).

A *pertença* da terra é da família, o que significa que se alguém fora da família, do bairro ou tabanca quer construir, alguém tem que ceder essa terra, e para isso é necessária a autorização do chefe de família. “Quando uma pessoa pretende construir uma casa na área da tabanca, deve pedir autorização ao mais velho chefe de família, que a concede invariavelmente. Embora o terreno da área da tabanca pertença à comunidade

³⁷ *Morança* ou *Hank* tradicionalmente é uma concessão ou bairro de parentes, mais concretamente um conjunto de casas da mesma família (família alargada), que estão todas juntas umas das outras e tem uma cerca que as separa das outras *moranças*. *Morança* é o termo crioulo e actualmente mais usado que o termo felupe *Hank*.

³⁸ “social relations that characterize the *hank* as a residential unit” (Linares, 1992:26).

e não a uma família, quem autoriza as construções é o mais velho dos chefes de família que aí moram” (Silva, 1983:195-196). A referida *pertença* aplica-se também aos terrenos e *bolanhas* que não estão a ser ocupados, mesmo que a família não esteja a ocupar de uma forma activa, mais ninguém o pode fazer, sem a autorização dos respectivos donos. O comité é muitas vezes chamado a fim de resolver os conflitos do acesso à terra por serem os primeiros; os mais antigos, a instalarem-se nas tabancas, o que lhes permite saber quem são os donos das terras.

Em Susana, decorrente do trabalho de campo, foi possível apurar que este pedido é feito ao comité³⁹, o que significa que uma pessoa que quer construir uma nova casa, vai pedir ao comité, e é o comité com os restantes habitantes do bairro que vão decidir onde se pode construir. Em caso de morte da pessoa que construiu a casa, esta fica para o dono do terreno.

A escolarização é muito importante e actualmente todos os Felupes vão à escola. Em Susana a primeira escola foi estabelecida em 1943 pelo Padre Neto, que entretanto veio a parar com a guerra de libertação. A escolarização está dividida da seguinte forma: Primária, da 1^a à 4^a classe (7 a 11 anos), o preparatório corresponde à 5^a e 6^a classe, o liceu, da 7^a à 11^a classe, e finalmente a universidade ou escolas de formação. As escolas nas tabancas são comunitárias, o que significa que são pagas pela população e todas as tabancas têm até à 6^a classe. Para prosseguirem os estudos os jovens são forçados a sair das suas tabancas, sendo que 90% dos jovens vão para Bissau para a escola.

Quando a criança é pequena fica aos cuidados da mãe, sensivelmente até aos três anos de idade, depois disso o pai passa a acompanhar essa educação, transmitindo vários ensinamentos que ajudarão para a futura realização de tarefas, assim “começa o pai interferindo na sua orientação, manda-o vigiar o gado que anda à solta, afugentar a passarada das *bolanhas* no tempo em que o arroz amadurece, (...). Cerca dos doze anos já acompanha o pai às lavras do arroz, (...). Aos quinze anos adquire autonomia suficiente para sair da tabanca de manhã e voltar à noite sem que tenha de pedir licença” (Silva, 1983:188).

³⁹ Por comité entende-se a pessoa (ou pessoas), que é escolhida pela população e que serve de representante dos interesses da população. No capítulo 3 deste trabalho é feita a sua descrição e organização.



Figura 2.7. Crianças a guardar o gado. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

O social e o religioso confundem-se porque, mesmo quando se nos afigura estarmos no domínio puramente social, como na educação das crianças para a vida activa, aí encontramos práticas que são impostas pelo religioso e que se não forem observados com rigor desencadearão a cólera dos espíritos e, daí, a desgraça das famílias” (Silva, 1983: 204).

Todos estes aspectos da vida social e religiosa dos Felupes e a efectiva importância do arroz em todos os aspectos da sociedade, fazem com que no capítulo 3 deste texto sejam vistos aspectos da organização dos Felupes em São Domingos mas especialmente em Susana a nível do contexto urbano e a sua ligação à segurança alimentar.

CAPITULO 3: O FENÓMENO DO URBANISMO E AS REDES DE SOLIDARIEDADE PRESENTES EM SUSANA E SÃO DOMINGOS

No contexto guineense Susana e São Domingos são cidades, que em muitos aspectos misturam características rurais e urbanas. Costumes rurais misturam-se com características tipicamente urbanas, tal como é dito por Hesseling (1993:26-27), apesar de sofrer alguns ajustes, o tipo de relação social do espaço rural continua a reproduzir-se no ambiente urbano. O caso descrito por Hesseling, em Zinguinchor (Senegal), no outro lado da fronteira do sector de São Domingos (Guiné-Bissau), é em tudo similar à realidade que se vive na Guiné-Bissau, onde o fenómeno urbano está cada vez mais presente e onde neste ambiente existe uma preocupação em seguir os costumes e de os tentar adaptar à vida do meio urbano.

1. O Urbanismo em Susana e São Domingos

A preparação para o trabalho de campo levou ao levantamento de certas noções tal como o de urbanismo, cidade, aldeia e de bairro em contexto africano. Consultei várias bibliografias de sociólogos e geógrafos, no entanto ao deparar-me, com a realidade no terreno percebi que estas mesmas noções, embora coincidindo com a realidade observada, precisariam de ser ajustados à realidade local.

As cidades de Susana⁴⁰ e São Domingos têm especificidades que as diferenciam de cidades muito próximas como Cacheu. Todavia não são só as cidades, mas também as aldeias rurais, que têm particularidades. Na realização deste trabalho é dado um maior destaque aos Felupes de Susana, devido à organização da própria cidade, sendo também referenciada a relação dos Felupes em São Domingos.

O bairro onde as pessoas habitam e o tipo de casa conseguem camuflar quem elas são verdadeiramente. Fazer transparecer o tipo de riqueza que se possui pode ter as suas vantagens e desvantagens. O tipo de casa é sem dúvida um dos indicadores importantes do estrato socioeconómico em que as pessoas se posicionam.

⁴⁰ Susana ou Suzana, também é chamada de Esana ou Isana. Na elaboração deste trabalho foi adoptada a grafia Susana.

Foi possível presenciar a construção de novas casas em Susana, essencialmente no bairro Santa Maria⁴¹. Uma das construções observadas estava a ser feita no terreno da família que, enquanto aguardava a conclusão da obra, vivia no mesmo terreno mas numa casa provisória. Esta obra era motivo de orgulho para a família já que a casa iria dispor de várias divisões e de espaço suficientemente grande para todos. Esta obra em particular estava a ser levada a cabo principalmente por um tio e alguns familiares, e com o auxílio do chefe de família aos fins-de-semana.

“Para poder fazer a nossa nova casa o meu tio ficou responsável, já que o meu pai está fora durante a semana porque é professor em Inhaque. Quando ele vem para casa também ajuda. Enquanto a casa está a ser construída vivemos nesta pequena casa. Esta casa vai ser muito melhor porque é grande e eu vou ter o meu quarto que vou dividir com o meu irmão.” (F.F.B., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

Embora não tenha sido possível confirmar se esta prática era comum nesta em particular, e porque ainda estava a ser construída, foi possível verificar a forma como as divisões estavam estruturadas. Assim foi possível ver que as habitações são construídas com paredes de lama, com várias divisões, numa média de cinco. Neste caso em concreto o “celeiro⁴²” dispunha de uma divisão própria, frente ao quarto do chefe de família, portanto aqui foi possível observar que esta divisão foi especialmente concebida para o efeito. No caso da obra que estava a decorrer em Susana, como ainda não tinha sido concluída, não foi possível confirma se também teria um terraço coberto que por vezes rodeia toda a habitação, facto este que foi observado em habitações já concluídas.

⁴¹ O bairro Santa Maria tem especificidades próprias, pois trata-se de um bairro novo cujos habitantes são todos católicos. A importância deste bairro e mais concretamente a relação com a igreja católica é oportunamente descrita num ponto à frente deste capítulo.

⁴² Aqui o termo Celeiro significa espaço destinado a guardar o arroz. Arroz que está dividido da seguinte forma: arroz para comer, arroz que é utilizado para as cerimónias e arroz que serve para plantar. Sendo que o arroz das cerimónias é da responsabilidade do homem, o arroz para comer e para plantar é da responsabilidade da mulher. Depois de seco o arroz é guardado no Celeiro com casca, quando ele é necessário é retirada uma parte e as mulheres tratam de fazer o seu descasque. O Celeiro da casa é um elemento fundamental para a família, porque um Celeiro farto significa que está salvaguardada a sua utilização para as cerimónias.



Figura 3.1 Construção de uma casa no bairro católico em Susana. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Uma das curiosidades nesta casa é que o acesso ao quarto das raparigas era feito pelo interior da habitação, enquanto o quarto dos rapazes apesar de fazer parte da casa, o acesso era feito por uma entrada particularmente concebida para essa função, e que por isso estava independente do resto da casa.

“O quarto das raparigas é dentro da casa, o quarto dos rapazes é à parte para podermos entrar e sair quando queremos, as raparigas não podem fazer isso.”
(F. F. B., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

A arquitectura e os materiais são utilizados de forma a otimizar a construção. As casas são construídas sobre uma base de terra para as preservar da humidade. A cobertura do telhado pode variar de feitio e de material, dependendo das condições financeiras de cada família: pode ser de zinco ou utilizando a palha de savana, que apesar de impedir a penetração da água, tem como desvantagem o facto de ser necessária a sua substituição com maior frequência (de 2 em 2 anos).

Foi possível observar casas, nomeadamente em São Domingos, com o celeiro situado no telhado da casa. Este é o local de armazenamento mais comum para o armazenamento do arroz, pois devido às suas características permite a circulação de ar, evitando ao mesmo tempo a humidade.



Figura 3.2. Celeiro de uma casa em Três Km⁴³, São Domingos. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

A existência de um tecto serve para evitar que as poeiras do celeiro poluam as restantes divisões da habitação. As construções são feitas de forma a salvaguardar outros aspectos tal como o da temperatura. Assim é possível encontrar habitações circulares e rectangulares feitas de lama, que faz com que as casas fiquem frescas quando o tempo está muito quente, à medida que a água se evapora. A cozinha é construída no exterior da casa e é constituída por um fogão ou mais. A casa de banho também é no exterior da casa, sendo utilizado um sistema de latrinas. Foi possível ver propaganda que incentivava a prática de certos hábitos de higiene após o uso das latrinas.

No entanto foi possível através dos informantes perceber que muitas vezes existe a necessidade de ser comedido na ostentação da riqueza pelo tipo de casa que se constrói, foi dito que agora muitas pessoas preferem construir casas mais pequenas e com menos divisões, a fim de evitarem receber “hóspedes”⁴⁴, já que só é possível

⁴³ Três Km é o nome de uma povoação que fica sensivelmente a essa distância de São Domingos.

⁴⁴ Aqui como hóspede entendem-se as pessoas que passam a fazer parte do agregado familiar, usualmente jovens, mesmo que não sendo familiares, são recebidos porque estão “deslocados” por motivos de estudos ou de saúde. Existe uma espécie de rede de ajuda que acaba por auxiliar em caso de ser necessário encontrar-se um alojamento fora da tabanca de origem.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

“negar” receber estes hóspedes se efectivamente a família de acolhimento não tiver condições para isso, assim com uma casa pequena essa questão de recusa não se põe.

“Os jovens que estão a construir querem casas só para a sua família, se construírem muitos quartos têm que receber muitos hóspedes e eles já não querem isso.” (F. F. B., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009).

Esta é uma das formas de tentar esconder a riqueza, mas não foi possível confirmar se já é uma prática comum. Foi possível verificar que todos, num dado momento, já receberam hóspedes ou foram eles próprios hóspedes e que esta é uma forma de combater a insegurança alimentar e de proporcionar acesso a outros bens e serviços. Os hóspedes são desta forma fundamentais nesta “rede” de ajuda e só através desta é possível combater as insuficiências existentes. Em São Domingos encontram-se várias infra-estruturas do Estado, nomeadamente uma faculdade de medicina, e, segundo uma das médicas cubanas que aí se encontrava a leccionar, a maioria dos estudantes estavam numa situação de hóspedes.

“Os estudantes que aqui estão muitas vezes não têm nada para comer, estão em casa de familiares ou de pessoas que aceitaram recebe-las, mas ainda têm que comprar os livros. Eles falam crioulo ou português e os livros são em inglês, francês ou espanhol. Se não se alimentam bem é complicado. Alguns dormem na escola. Os pais não conseguem pagar tudo.” (Médica Cubana, entrevista de campo, São Domingos, Dezembro de 2009).

A desigualdade social não é assim tão evidente e não existem indicadores pertinentes nesta urbanidade que possam ser passíveis de avaliar a riqueza de um indivíduo. A ideia que a migração e a inserção em meio urbano implicam a assimilação de novas práticas e valores urbanos, aqui não é evidente pois existe uma ligação às tabancas de origem. Mesmo que os jovens já não manifestem uma vontade marcada de permanecerem ligados às lides agrícolas, esta ligação mantém-se mesmo que seja apenas por uma questão de sobrevivência.

“Nas férias escolares todos ajudam na lavoura.” (F. F. B., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009).

Tanto em Susana como em São Domingos o uso do português não se faz sentir muito a não ser entre as camadas mais jovens. Em Susana o português tende a ser substituído por felupe ou crioulo e em São Domingos existe uma maior utilização do

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

crioulo e do francês, devido à proximidade com o Senegal. Aqui devido a esta proximidade física é possível ouvir-se falar francês no mercado, mais do que o crioulo, e o uso quase inexistente de português. A questão linguística só se torna relevante para o tratamento de questões com o poder central, em virtude de todos os documentos do Estado estarem em português.

Em ambas as cidades é também claro o distanciamento do poder central. As associações, o comité⁴⁵ e as autoridades tradicionais são sempre referidas, e do poder central só se fala quando se pretende reforçar que algo não está a funcionar devidamente.



Figura 3.3. Comité de sector. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Assim, em Susana e em São Domingos existem diferenças quanto à adopção da língua portuguesa que se encontram ligadas à modernidade e ao viver urbano, mas também aos costumes e que revelam o posicionamento dos indivíduos. Aqui o modelo urbano regra geral existe associado ao aumento do nível de escolaridade, que é uma das grandes aspirações dos jovens e dos seus pais.

⁴⁵ Por comité entende-se a pessoa (ou pessoas) que é escolhida pela população e que tem como função ser o elemento conciliador para as questões da população. As funções que exerce tem um carácter exclusivamente informal, mas de grande importância real.

“Estudei até à 11ª classe, tive que abandonar a escola porque tive um problema de saúde, mas quero ir para Bissau para estudar enfermagem” (A., entrevista de campo, Três Km, Novembro de 2009).

As dinâmicas em Susana e em São Domingos exigem e implicam a criação de mecanismos que permitam a reprodução social dos diferentes grupos como peças fundamentais para minimizar todas as questões relacionadas com o bem-estar.

2. O Fenómeno Crescentemente Urbano de Susana

A secção⁴⁶ de Susana está inserida no sector de São Domingos, que é a cidade principal do sector e em termos de importância administrativa está acima de Susana. À escala guineense, Susana é considerada uma cidade, que se encontra dividida por bairros.

“Susana é secção, mas também pode ser chamada de cidade” (F. F. B., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009).

As tabancas que estão à volta de Susana também são chamadas de secção, mas Susana é a capital da secção. Assim o sector de São Domingos é composto por Susana, Campada, Varela e São Domingos. O responsável pela região é o governador, o sector tem como responsável o administrador e quem manda na secção é o comité, mas tem um carácter informal. Assim se a secção precisa de alguma coisa do Estado o comité de secção vai ao comité de sector e este vai ao administrador de São Domingos, e depois é este administrador que vai a Bissau interceder junto ao governo.

Susana alberga infra-estruturas importantes tal como um hospital, uma rádio, escola primária e uma base militar, que devido à proximidade com a fronteira estão sempre presentes. Para além destas infra-estruturas, Susana tem a particularidade de

⁴⁶ A fim de se perceber a organização administrativa note-se que a referência à designação de região pode-se equiparar ao distrito, a designação de sector é equivalente ao concelho, por secção pode-se entender freguesia e tabanca corresponde a aldeia.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

estar dividida em sete bairros. Esta divisão, pelo modo como está feita, resultou da demarcação dos bairros pela opção religiosa dos seus habitantes. Assim o Bairro Santa Maria é constituído por Felupes católicos, o Bairro Fulacunda é um bairro misto, mas que alberga uma maioria muçulmana para além de cristãos, neste bairro habitam também Manjacos, Mancanhos e Fula. Os bairros Kugel, Bukekelil e Katama são constituídos por Felupes tradicionais⁴⁷. Os bairros Manhodjagu e Nhacun são constituídos por Felupes católicos e Felupes tradicionais. Esta situação é muito mais notória em Susana que em São Domingos onde não existe uma divisão demarcada por bairros, nem nenhuma demarcação religiosa evidente.



Figura 3.4. Fotografia satélite de Susana, com a demarcação dos respectivos bairros. (Fonte: Google Earth.)

Legenda:

- | | |
|-----------------------|--------------------------------------|
| 1- Bairro Santa Maria | 5- Bairro Fulacunda ou Bairro Centro |
| 2- Bairro Kugel | 6- Bairro Manhodjagu |
| 3- Bairro Katama | 7- Bairro Bukekelil |
| 4- Bairro Nhacun | |

⁴⁷ Entenda-se por Felupes tradicionais aqueles que seguem a religião e costumes tradicionais.

2.1 Descrição das pessoas: quem são e o que fazem?

Os diferentes bairros de Susana estão estruturados da mesma forma: cada bairro tem vários comités, uma associação de mulheres, uma associação de homens, uma associação de jovens. Aqui as pessoas organizam-se de forma a poder salvaguardar o seu bem-estar e o da sua família. Um dos informantes (F.F.B.), um jovem de 28 anos que estudou até à 11^a classe, é o retrato do tipo de organização existente dentro de uma família. É o filho mais velho e tem mais sete irmãos (seis raparigas e um rapaz). Vive com a mãe e com o pai, que é professor em Tenhate (perto da fronteira com o Senegal) e por isso somente vem aos fins-de-semana para casa.

A rotina diária deste informante passa pelo trabalho nas bolanhas da família. O trabalho da lavoura é feito por ele e pelo irmão mais novo, que tem 21 anos. Como o irmão está a estudar em Canchun, só tem a ajuda dele e do pai quando eles regressam a Susana. Ele actualmente é o responsável pela família porque o pai está habitualmente ausente devido à sua profissão, o que para ele significa que o seu desejo de prosseguir os estudos está momentaneamente adiado.

Quando o trabalho da lavoura do arroz é muito extensa é feito pela associação dos jovens (rapazes) que são pagos para fazer este trabalho. A colheita do arroz é feita pela mãe e irmãs (bajuras⁴⁸) de F.F.B., que às vezes têm a ajuda das colegas (fazem grupos de colegas). Estes trabalhos são feitos na *bolanha* e no arroz de mato. Para fazer o vinho de palmeira a recolha é feita pelo informante e também pelo pai e o irmão quando eles estão. Foi possível observar a recolha do vinho de palma a ser feita num terreno de uma pessoa que já tinha morrido, assim os lucros dessa recolha revertiam directamente a favor dos que estavam a fazer esse trabalho.

⁴⁸ O termo Bajura significa rapariga em crioulo.



Figura 3.5. Homem em cima da palmeira para efectuar a recolha da seiva da palma para a produção de vinho de palma. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Outro dos informantes I., com 26 anos, estudou em Bissau até à 11^a classe, é simultaneamente chefe (presidente) da associação dos jovens de Susana e professor da 4^a classe. Regressou a Susana para tentar juntar algum dinheiro, mas afirma que quer regressar a Bissau para continuar os estudos e seguir Direito. Considera que em Bissau, por ser uma cidade maior teria acesso a melhores infra-estruturas e condições.

“Em Bissau é melhor.” (I., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009).

Existe uma atracção notória dos jovens que gostariam de viver em Bissau. Este informante foi peremptório ao dizer que gostaria de continuar sempre ligado a Susana, desde que tivesse condições para isso, mas neste momento considera que terá maiores oportunidades em Bissau. A associação da qual é presidente é apenas uma das existentes em Susana. As várias associações reúnem-se numa associação geral de Susana, que é constituída por elementos da associação de mulheres, da associação de homens e da associação de jovens. Esta associação trabalha em representação de toda Susana e não de cada bairro individualmente.

Esta organização e estas associações têm como objectivo satisfazer determinadas necessidades e que visam combater a insegurança alimentar. Subsiste uma espécie de

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

associativismo, com regras estabelecidas e que são de conhecimento de todos, às quais existe uma aceitação. A direcção das associações, nomeadamente a das mulheres, é eleita de 2 em 2 anos, isto porque existem mais conflitos entre as mulheres.

“As mulheres zangam-se com mais facilidade, e assim para evitar mais conflitos, fazem uma eleição sempre de 2 em 2 anos.” (I., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009).

Todas as mulheres fazem parte da associação das mulheres. Esta associação faz a colheita do arroz em troca de dinheiro, que fica para o fundo da associação. É uma espécie de contratação. Além disso fazem outros trabalhos como a recolha de estrume e lenha para a construção das casas. A associação concede empréstimos, mas é feito para as mulheres exclusivamente.

A associação dos homens tem um chefe, que é escolhido por votação. Só existe eleições se alguém pedir mudança de chefe, em caso de existir desagrado em relação ao desempenho do chefe ou em caso de morte. Esta associação faz a lavoura, a desmatação, o corte da palmeira para a construção das casas e todos estes trabalhos são feitos a troco de dinheiro. Os jovens também têm a sua associação, e essa associação também tem um chefe (homem), mas a eleição está aberta a ambos os sexos.

“Qualquer pessoa pode concorrer, não importa se é rapaz ou rapariga, na última eleição concorreram raparigas, mas foi um rapaz que ganhou.” (I., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

O chefe eleito assume o cargo por tempo indeterminado, pois só deixa o posto se fizer alguma coisa de mal. A associação dos jovens também fazem lavoura, colheita do arroz, aceitam contratos para a construção de casas. Estes serviços são feitos a troco de dinheiro que reverte para o fundo da sua associação. A associação também faz trabalho voluntário para alguém que, por exemplo, adoece: eles podem substituir essa pessoa na lavoura. No entanto, a associação de Susana não faz a lavoura, só a associação de jovens de cada bairro é que faz esse trabalho.

A associação dos jovens de Susana (AOFSS – Associação dos filhos da secção de Susana) é uma associação nova e cujo grande objectivo é construir um salão juvenil, para que os jovens tenham um espaço para conviver. Existem intercâmbios entre os

jovens de Susana e São Domingos com a realização de jogos. Outro dos objectivos é criar um clube desportivo. Em Bissau existe uma delegação da AOFSS que é constituída por jovens que estão actualmente a residir em Bissau. A associação de jovens faz trabalho voluntário de limpeza da rua. Quando a associação de jovens de Susana precisa de dinheiro vai pedir a cada associação de jovens de cada bairro essa contribuição.

Tal como acontece com as outras associações o dinheiro arrecadado para o fundo serve para empréstimo em caso de doença. Eles emprestam o dinheiro em caso de necessidade tal como para a construção da escola ou organização de festas. Os jovens só participam na festa de Natal, Pascoa, 1 de Maio, 1 de Março, 24 de Setembro. O empréstimo da associação de jovens é feito para os jovens exclusivamente. Depois esse valor tem que ser devolvido à associação. Estes empréstimos são feitos às respectivas associações e dentro de cada bairro. Fora do bairro e fora de cada associação nunca é feito nenhum empréstimo.

Dos jovens pertencentes a estas associações a sua maioria estava fora a estudar e só regressavam nas férias para ajudar os pais. A existência desta associação é fundamental porque serve como fonte de mão-de-obra quando todos estão em Susana.

As associações das mulheres e dos homens também desempenham um papel fundamental na organização e subsistência em Susana, são estas duas associações que estão a pagar os professores da escola. O professor da escola era pago inicialmente pelo Padre Zé⁴⁹, mas agora existe uma quotização da associação das mulheres e homens para pagar a escola. Mas grande parte desta despesa é paga pelas mulheres. A associação dos jovens não participa nas despesas da escola. A associação dos alunos de toda Susana (secção) reúne dinheiro para a festa de 1 de Junho. A fim de reunir essas verbas fazem trabalhos de limpeza de hortas.

As despesas da comunidade (hospital) são pagas por todas as associações com uma pequena contribuição do Estado (com zinco, pregos). No caso de ser necessário

⁴⁹ Conhecido como Padre Zé, Giuseppe Fumagalli nasceu a 19 de Janeiro de 1939 em Itália. Faz parte da missão católica P.I.M.E. Chegou a Susana a 6 de Setembro de 1968. É o sucessor do Padre Spartaco Marmugi que foi o fundador da missão. Padre Zé é conhecedor da língua e cultura felupe, tem feito trabalho no sentido de fomentar a preservação da *bolanha*, ajudando na manutenção dos diques, construção de pontes. O seu trabalho em Susana e arredores não passa apenas pela evangelização, mas pela educação e pelo trabalho.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

construir uma escola cada associação, de cada bairro, tem que pagar uma “quota” para essa despesa. Para um bem da cidade a contribuição é feita por todos. Quando existe uma festa em Susana a contribuição é feita só pelas associações dos homens e das mulheres.

Durante a plantação existe divisão de tarefas: as mulheres plantam e os homens fazem a lavra. Existe uma solidariedade entre toda a população e todas as associações têm forma de intervir em caso de necessidade. Em Bissau não existe uma rede de solidariedade organizada desta maneira. Não existe qualquer ajuda do governo esta organização é feita pela população. No entanto quando é necessário efectuar uma grande obra para a comunidade são os comités que vão pedir os materiais ao governo.

Depois o comité de cada bairro vai falar com o chefe de cada associação para pedir a respectiva contribuição. E assim quando os materiais chegarem do governo avançam para a obra contratando carpinteiros. O régulo tradicional também faz parte da associação, mas não viaja com os comités para falar com o governo. Apesar de cada bairro estar dividido pela sua crença religiosa, o que se verifica é que o régulo tradicional é respeitado por todos.

Apesar da máquina de descasque de arroz estar situada perto da missão católica e estar no bairro Santa Maria, ela é utilizada por todos da comunidade. A manutenção desta máquina é feita de forma proporcional ao uso, ou seja, quem usa a máquina deixa uma parte da sua colheita, quanto mais arroz tiver, mais deixa para a máquina. Este pagamento é calculado de uma forma bastante eficaz através da utilização de um medida grande e outra pequena (através da utilização de uma caneca): se a mulher tiver pouco arroz é tirada uma medida pequena de arroz, que vai reverter para a manutenção da máquina; se a mulher tiver muito arroz para descascar é tirada uma medida grande de arroz. O mesmo acontece com o farelo em que uma parte é retirada e serve para pagamento da manutenção da máquina de descasque de arroz. O farelo produzido é utilizado para alimento das galinhas. A casca do arroz é deitada fora e qualquer pessoa pode usufruir dela sem qualquer pagamento. Da queima desta casca vai resultar uma cinza que é usada como adubo.



Figura 3.6. Mulher recolhendo o arroz descascado pela máquina descascadora. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

2.2 O caso do bairro Santa Maria

O bairro Santa Maria, onde está a máquina descascadora de arroz, é um bairro diferente precisamente porque resulta da mudança dos Felupes tradicionais dos vários bairros, que ao tornarem-se católicos criam este bairro. A organização de Susana foi sempre a mesma, só com o aparecimento deste bairro é que Susana mudou.

“Sempre vi Susana da mesma maneira, só quando foi construído o bairro de Santa Maria é que tudo mudou, fui um dos primeiros a vir para aqui.” (P., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

Este bairro está situado perto da missão católica, o que por isso torna o bairro diferente, pois as infra-estruturas existentes na missão católica são totalmente atípicas. A missão católica foi fundada pelo Padre Spartaco Marmugi e actualmente é dirigida pelo Padre Zé, que devido ao tempo que está em Susana é um conhecedor da língua e cultura felupe. Muitos dos habitantes de Susana trabalham com o Padre Zé,

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

nomeadamente na oficina que está situada dentro das instalações da missão. Aqui são feitos trabalhos de mecânica e no terreno são feitos trabalhos na manutenção das pontes e de infra-estruturas para a comunidade, tal como a máquina descascadora de arroz. Todos em Susana reconhecem o trabalho feito pela missão católica, mesmo os não católicos. É no bairro Santa Maria que está o cemitério católico, onde está enterrado o Padre Spartaco Marmugi que é muitas vezes referenciado pelo trabalho que realizou. Apesar do cariz tradicionalmente católico existe uma aparente boa relação com os costumes tradicionais e tal, como foi dito pelo Padre Zé, o sucesso da missão deve-se ao respeito e à tolerância a estes costumes.

“Já me vieram pedir arroz para as cerimónias, e eu não podia recusar. Sempre dei o arroz e como já estou em Susana este tempo todo, fui convidado a assistir muitas vezes, mas eu isso não quero. Ajudo mas não quero por isso forçar a minha presença. A missão recebe todos, católicos e não católicos.” (Padre Zé, entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

Todos reconhecem a mente aberta do Padre Zé e consideram que por isso existem cada vez mais Felupes tradicionais que passam a ser católicos.



Figura 3.7. Oficina da missão católica em Susana. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Outro dos trabalhos importantes que o Padre Zé tem vindo a fazer é o trabalho de conservação das *bolanhas*, com a tentativa de manutenção dos diques e assim

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

salvaguardar as colheitas. Existem muitas *bolanhas* que estão a ficar estragadas por falta de chuva e devido ao sal que danifica as *bolanhas*. De acordo com os informantes, antes chovia de Maio até Dezembro e havia muito arroz, e os jovens também estavam mais presentes. Actualmente em Susana existe falta de mão-de-obra, mas a redução da produção resulta também das alterações climáticas e falta de chuva. Estes dois factores estão a contribuir para o abandono gradual das *bolanhas*. A mão-de-obra é considerada como um factor decisivo para a conservação das *bolanhas*. Se não existisse falta de mão-de-obra a construção de diques poderia impedir que as plantações morressem.



Figura 3.8. Dique que serve para impedir a entrada da água salgada nas *bolanhas*. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

A mão-de-obra torna-se fundamental já que existe também um crescente problema com os hipopótamos que estragam as vedações que são construídas e a reconstrução deixa de ser feita por falta de meios. O Estado proibiu a caça dos hipopótamos, o que de alguma forma desequilibrou as condições. Ou seja, o Estado exige, mas não dá condições para a manutenção das *bolanhas*.

“Eles só exigem, só exigem, mas nós é que estamos aqui.” (I., entrevista de campo, Susana, Dezembro de 2009)

Quem mata um hipopótamo é preso. No entanto quem mata um hipopótamo também tem que fazer uma cerimónia tradicional. Os hipopótamos estão a deslocar-se do seu habitat natural também devido à falta de chuva e por isso estão a “invadir” as *bolanhas*. O governo está informado desta situação, mas ainda não promoveu uma solução viável. Existem pessoas que dormem junto às *bolanhas* para defende-la.

2.3 A organização dos comités em Susana

Os vários comités estão em funções desde a independência (foram eleitos nessa altura), só os que faleceram é que foram substituídos. Caso contrário mantém-se o mesmo comité, ou seja, o comité que é escolhido fica neste cargo sem tempo definido, mantém o cargo enquanto satisfizer a população, caso contrário é retirado do cargo. Formalmente existe uma eleição de 8 em 8 anos, mas só se não quiserem o mesmo comité é que é feita essa nova eleição, se a crítica por parte da população assim o obrigar e caso ele não modifique o seu comportamento. No entanto, existe um comité dos comités, que é o comité de Susana, que é o mais importante. O actual comité dos comités é do bairro Santa Maria.

1-Bairro Santa Maria. É composto por quatro comités todos homens.

2-Bairro Kugel. É composto por dois comités.

3-Bairro Katama. É composto por um comité.

4-Bairro Nhacun. É composto por um comité.

5-Bairro Fulacunda ou Bairro Centro. É composto por um comité.

6-Bairro Manhodjagu. É composto por um comité.

7-Bairro Bukekelil. É composto por dois comités.

Uma pessoa que quer construir uma nova casa vai pedir ao comité, e é este, com os restantes habitantes do bairro, que vão decidir onde pode ser construída. É feita sempre uma ocupação do terreno da família. Se, por exemplo, o filho quiser casar deita a casa do pai abaixo e constrói uma nova casa da qual oferece um quarto ao pai. Se um filho quiser construir uma casa nova que não seja no terreno do pai pode faze-lo, mas neste caso tem que ir para o bairro da sua mãe, ou seja, é um sobrinho da terra. Se não

for assim fica sempre no terreno do pai. Ele não pode ir viver para outro bairro que não seja de um dos seus progenitores.

O comité tem como função ser o elemento representativo da tabanca, serve de intermediário entre a população e o Estado. Esta relação com o Estado é informal. O comité é o elemento principal da tabanca, é ele que vai comunicar à população que o administrador vai ao governo central.

A realidade de Susana comporta uma população de diferentes etnias e religiões. Quando existem conflitos devido a essas mesmas diferenças quem intervém é o homem mais velho. Normalmente não existem conflitos porque foram educados a respeitar as diferenças, seguindo a filosofia Felupe que respeita as diferenças do outro.

A etnia Felupe é conhecida por ser uma etnia de guerreiros, no entanto nem por isso deixam de preferir a passividade. Existe um perdão, ou seja, quando um felupe é provocado não reage a essa provocação por três vezes, mas depois disso passa a guerrear e tenta resolver o conflito de forma violenta. O Felupe é considerado um povo honesto e portanto precisa menos da intervenção da justiça do que outros povos. No entanto, quando existem questões da terra o comité é sempre o primeiro interveniente para tentar resolver qualquer questão. Muito dificilmente o problema não é ultrapassado e, por isso, não é necessária a intervenção da autoridade. Em casos de morte, o Estado é que intervém porque se trata de um crime. Quando existe um problema entre um casal a resolução passa primeiro pela família, caso não seja possível o comité é procurado. O Felupe não quer ver o seu próximo mal.

3. O Fenómeno Urbano de São Domingos

Encontrando-se na linha de fronteira com o Senegal São Domingos acarreta as vantagens e inconvenientes desse facto. Se por um lado, aqui estão mais frequentemente em contacto com as inovações, por outro, lado ainda se encontram muito ligados às tradições.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

As pessoas que ocupam esta cidade são na sua maioria oriundos de tabancas vizinhas que são atraídos para São Domingos, em certa medida devido aos fenómenos ligados à falta de políticas de desenvolvimento das zonas rurais, tais como a construção de infra-estruturas básicas - estradas, escolas e hospitais. Em São Domingos é possível encontrar infra-estruturas que permitem uma maior qualidade de vida. Só aqui é possível ter acesso à escola, hospital e à maternidade. Para os Felupes é importante a escolarização e os que querem prosseguir os estudos acabam por ir para Bissau. De acordo com um dos informantes, cerca de 90% dos estudantes acabam por fazê-lo, no entanto, independentemente de prosseguirem os estudos, actualmente todos os Felupes vão à escola.



Figura 3.9 Presença do poder central. Tribunal em São Domingos. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Devido a esta aproximação com a fronteira com o Senegal, e por estar assim mais exposto a diferenças e inserido num ambiente mais multicultural, São Domingos continua a ser para os Felupes uma cidade de eleição, mas a sua presença não é tão evidente. Existem muitos não Felupes, mas todos convivem de forma pacífica. Assim para muitos Felupes, São Domingos é atractivo devido ao facto de se encontrar nesta zona fronteiriça e permitir acesso a um mercado de comércio muito mais vasto e lucrativo. Muitos dos que são “aliciados” por São Domingos mantêm nas suas tabancas

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

de origem terrenos agrícolas e é através da venda desses produtos que conseguem permanecer na cidade.

Pode-se considerar que São Domingos é o limite entre duas zonas geográficas distintas: uma rural (nomeadamente através da ligação forte que continua a existir com as tabancas) e outra urbana (São Domingos propriamente dito), embora para o caso a vertente urbana vá ser abordada com maior enfoque, mas nunca podendo ser verdadeiramente separada da vertente rural.

O governo local e as autoridades tradicionais estão em sintonia quanto à questão do terreno, o que significa que a gestão é feita pelo Estado, mas sempre integrando as Autoridades Tradicionais.

Tal como em Susana, em São Domingos antigamente os comités eram uma representação partidária, actualmente os representantes do povo é que escolhem o comité, independentemente do partido. As questões com que são confrontados têm algumas características comuns, nomeadamente na gestão de conflitos. Aqui dá-se primazia à autoridade do comité, caso este não consiga ser conciliador é procurado o Estado. Isso exige um papel inovador e criativo dos comités para aconselhar e incrementar alternativas para a resolução destes conflitos, para que não deixem que pequenas questões sejam “penduradas” nas teias de restrições do governo central que está muitas vezes alheio às questões locais. Este *empowerment* torna a população capaz de organizar recursos suficientes para gerir qualquer situação.

3.1 Descrição das pessoas: quem são e o que fazem?

Muitos dos que antes da independência foram forçados a sair das suas tabancas acabaram por se instalar em Zinguinchor, no entanto após a independência regressaram, e são esses que acabam por se instalar em São Domingos e arredores, devido à proximidade com a fronteira. São estes os Felupes que se podem encontrar em São Domingos, os que só regressam depois da independência.

“O meu pai foi para Zinguinchor e quando voltou ficou em São Domingos, agora só volta para a tabanca quando vai participar nas cerimónias.” (M., entrevista de campo, Três Km, Novembro de 2009)

A ligação com a tabanca de origem dos pais pode-se manter de diversas formas, através do comércio.

“Como sou comerciante, levo sempre produtos para vender, assim eles não têm que vir a São Domingos, para comprar.” (M., entrevista de campo, Três Km, Novembro de 2009)

As cerimónias também são uma forma de fazer chegar certos produtos, já que a ‘quota’ pode ser paga em dinheiro ou em géneros. É possível considerar que os que se estabelecem na cidade funcionam como uma espécie de ‘intermediários’. Existe uma contribuição positiva, pois este facto vai proporcionar à tabanca o acesso a produtos, que não só beneficia os da tabanca, mas também garante a própria sobrevivência na cidade, assegurando a sua subsistência. O comércio acontece essencialmente no *lumo*⁵⁰ em São Domingos e baseia-se na venda dos produtos que são cultivados.

São Domingos é assim por excelência um local onde se encontram produtos hortícolas tal como o tomate, limão, laranja e outros que provêm da agricultura essencialmente de subsistência, mas que consegue originar algum excedente que é vendido no *lumo*.

⁵⁰ Por *lumo* entende-se o mercado semanal, que ocorre à 5ª Fª em São Domingos. Aqui neste dia todos os que fazem o cultivo de produtos agrícolas aproveitam esta ocasião para fazer a venda dos mesmos. No entanto é possível encontrar todo o tipo de produtos, alimentares ou não.



Figura 3.10. *Lumo* em São Domingos. (Fonte: Fotografia tirada no decorrer do trabalho de campo.)

Na cidade a casa serve sempre de refúgio de todos os que vêm da tabanca, sejam da mesma família ou não. A questão dos hóspedes volta a surgir como uma rede de solidariedade, que vai permitir que os que têm que vir para a cidade, usualmente jovens, tenham um sítio para ficar. Na cidade de São Domingos não foi possível encontrar uma demarcação visível, existe uma mistura quer em termos de etnia quer de religião. Assim a maioria dos se já está integrada, tanto que na cidade só falam crioulo. Só quando um velho vem para a cidade é que fala felupe.

“ Com a minha mãe que vive comigo só falo felupe.” (M., entrevista de campo, Três Km, Novembro de 2009)

Com este tipo de atitude consegue-se estreitar os laços. Da mesma maneira mantêm os rituais para continuarem a ser aceites na tabanca, para não cortar com a tradição. Para os jovens a forma de manterem esses laços é nas férias escolares voltarem para as suas tabancas, para continuarem a ter contacto com as tradições felupes, já que os mais velhos não querem ir para a cidade. O caso de Três Km é um exemplo da implantação na cidade, mas também da sua dependência com a tabanca.

CONCLUSÃO

O fenómeno do êxodo rural designa o abandono do campo em busca de melhores condições de vida, esta mudança geralmente é feita para centros urbanos. Usualmente a descrição que é feita é relativa ao local de partida, esperando-se que o local de chegada tenha melhores condições e permita uma melhor sustentabilidade, no entanto aqui pretendeu-se descrever um dos contrapontos deste fenómeno. As populações que são atraídas para a cidade conseguem criar melhores meios de subsistência que os façam permanecer, de uma forma permanente na cidade ou pelo contrário são obrigados a regressar às suas tabancas de origem?

A implantação na cidade tem diversas consequências. Uma das formas de minimizar as consequências negativas é o facto de existir uma tentativa de organização espacial semelhante à da tabanca, podendo considerar-se que existe uma tabanca rural e uma tabanca urbana. São relações semelhantes, mas que têm mecanismos diferentes. As regras, leis e costumes tradicionais das tabancas de origem continuam a ser mantidas e adaptadas, se necessário, ao contexto urbano. Estes costumes são levados para a cidade pelos migrantes que, apesar das dificuldades que possam encontrar, optam por ficar na cidade. No espaço urbano prevalecem os costumes tradicionais e são estes que são respeitados mesmo com o acelerado do êxodo rural.

Este estudo tentou revelar a importância da segurança alimentar urbana e aborda a questão da criação de redes de solidariedade para fazer face a esta problemática. Esta abordagem permitiu compreender a diversidade e abrangência do sistema informal de solidariedade que se revelou ser uma das estruturas fundamentais para minimizar a situação da insegurança alimentar. Foi possível constatar como nos espaços urbanos e peri-urbanos a segurança alimentar passa essencialmente por uma produção de subsistência, mas que quando origina algum excesso se transforma também num meio alternativo de sustento através do comércio desses produtos. Este comércio apesar de ser em pequena escala resulta num serviço importante para a segurança alimentar dos habitantes destes meios urbanos, porque embora disponibilize pequenas quantidades de alimentos consegue colmatar as diferentes necessidades existentes.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

O papel deste comércio é de extrema importância pois permite, em locais como no *lumo*, juntar produtos e produtores que passam a ter nestes mercados um local para venda dos seus produtos e são de igual modo fontes de alimento. Os *lumos* permitem às famílias urbanas ter acesso a alimentos que estes não são capazes de produzir, é aqui que acabam também por encontrar produtos importados. Esta falta de capacidade de produção está relacionada com a austeridade, é uma consequência das mudanças climáticas e resulta numa diminuição da produção de alimentos base, tais como o arroz.

Estas actividades de subsistência, aliadas a outras estratégias adoptadas pelas populações como a criação de associações, têm um papel importante pois além de desempenharem funções de trabalho têm também uma vertente cultural igualmente relevante.

A função exercida pelas áreas periféricas urbanas no fornecimento de alimentos para a cidade e o carácter altamente dinâmico deste associado às influências tradicionais desempenha um papel fulcral na segurança alimentar urbana.

Em suma, a variedade de estratégias nos espaços urbanos melhoram o acesso aos alimentos e mesmo com um processo de urbanização acelerado, através da existência de uma desorganização organizada urbana relativamente definida, tornou o combate à insegurança alimentar mais fácil. Assim é possível considerar que em Susana e São Domingos existe uma mistura de traços culturais rurais e urbanos, com um grande afluxo de população proveniente de tabancas rurais, mas que mantêm a política de solidariedade Felupes. Sendo possível através desta solidariedade encontrar uma realidade sem aparentes situações de fome.

BIBLIOGRAFIA

Adler, Alfred (2000), *Le pouvoir et l'interdit. Royauté et religion en Afrique noire: essais d'ethnologie comparative*, Paris, Albin Michel.

Anseeuw, Ward e Augustin Wambo (2008), "Le volet agricole du Nouveau partenariat pour le développement de l'Afrique (NEPAD) peut-il répondre à la crise alimentaire du continent?", *Hérodote, Revue de Géographie et de Géopolitique*, (131), pp. 40-57.

Antoine, Philippe e Abdoulaye Bara Diop (1995), *La Ville à guichets fermés? Itinéraires, réseaux et insertion urbaine*, Dakar, IFAN/ORSTOM.

Ba, Cheikh Oumar (2002), "Genre et gestion agricole en Basse Casamance", comunicação apresentada na Conferência *African Gender in the New Millennium*, 7 a 10 de Abril de 2002, Cairo, Egipto, disponível em: <http://www.codesria.org/spip.php?article579&lang=en>.

Balandier, Georges (1986), *Sens et puissance. Les Dynamiques sociales*, Paris, PUF.

Banco Mundial (2007), *World Development Report 2008: Agriculture for Development*, Washington, DC, disponível em: <http://go.worldbank.org/ZJIAOSUFU0>

Banco Mundial (2007), *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 2008: Agricultura para o Desenvolvimento*, Washington, DC, disponível em: http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2008/Resources/2795087-1192111580172/FINAL_WDR-OV-Portuguese-text_9.26.07.pdf

Bayo, Akinbamijo Olumuyiwa (2006) "City Planning, City Growth and Food Security: The Inevitable Trinity in The Nigerian Food Equation", *Agricultural Journal*, (Online), 1 (3), pp. 113-118, disponível em: <http://www.medwelljournals.com/abstract/?doi=aj.2006.113.119>.

Beall, Jo, Basudeb Guha-Khasnobis e Ravi Kanbur (2008), *Beyond the tipping point: a multidisciplinary perspective on urbanization and development*, Department of Applied Economics and Management Cornell University, Ithaca, New York.

Bickel, Gary et al, (2000) *Measuring food security in the United States: Guide to measuring household food security. Revised 2000*, Alexandria VA, U.S. Department of Agriculture, Food and Nutrition Service, disponível em: <http://www.fns.usda.gov/fsec/FILES/FSGuide.pdf>

Bohle, Hans G., Thomas E. Downing e Michael J. Watts (1994), "Climate change and social vulnerability. Toward a sociology and geography of food insecurity", *Global Environmental Change*, 4 (1), pp. 37-48.

Calame, Matthieu (2009), "Défis alimentaires, humains et environnementaux. Une politique alimentaire mondiale s'impose", *La Vie de la Recherche Scientifique*, (377), pp. 44-45.

Calame, Matthieu (2008), *La tourmente alimentaire. Pour une politique agricole mondiale*, Paris, Éditions Charles Léopold Mayer.

Cheneau-Loquay, Annie (1994), "Demain, encore le riz? Fin d'une civilisation?", em François George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance. Chronique d'une intégration contrastée*, Paris, Karthala.

Cormier-Salem, M. C. (1994), "Environmental changes, agricultural crisis and small-scale fishing development in the Casamance region, Senegal", *Ocean & Coastal Management*, (24), pp. 109-124, disponível em: http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_6/b_fdi_35-36/41009.pdf.

Crowley, Eve L. (2000), "Institutions, identities and the incorporation of immigrants within local frontiers of the Upper Guinea Coast", *Cahiers lillois d'économie et de sociologie*, (special), pp. 115-137.

CSAO – Club du Sahel et de l'Afrique de l'Ouest (2007), "La souveraineté alimentaire en Afrique de l'Ouest : des principes à la réalité", Paris.

Darbon, Dominique (1988), *L'administration et le paysan en Casamance: essai d'anthropologie administrative*, Paris, Ed. A. Pedone.

Délégation de l'Assemblée Nationale pour l'Union Européenne (2004), "Rapport d'Information sur l'agriculture et les pays en développement à l'Organisation mondiale du commerce", apresentado pelo deputado M. François Guillaume, disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/12/pdf/europe/rap-info/i1371.pdf>

Diatta, Nazaire (1998), *Proverbes joola de Casamance*, Paris, Karthala.

Dilley, Maxx e Tanya E. Boudreau (2001), "Coming to terms with vulnerability: a critique of food insecurity definition", *Food Policy*, (26), pp. 229-247, disponível em: www.elsevier.com/locate/foodpol.

Diouf, Mamadou (2002), "Des cultures urbaines entre traditions et mondialisation", em Momar-Coumba Diop (dir.), *Le Sénégal contemporain*, Paris, Karthala.

Direcção Geral do Ambiente, Ministério dos Recursos Naturais e do Ambiente, República da Guiné-Bissau (2008), "Quadro Nacional da Biotecnologia e Biosegurança da Guiné-Bissau", Bissau.

Direnberger, Lucia (2008), "Genre et sécurité alimentaire: les inégalités face à la faim. Approche sexospécifique des émeutes de la faim en Afrique", *Genre en Action*, (7), disponível em: http://www.genreenaction.net/IMG/pdf/article_emeutes.pdf.

Dujarric, Patrick (1994), "L'habitat diola: Famille, ferme et grenier", em François George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance. Chronique d'une intégration contrastée*, Paris, Karthala.

Eichelsheim, John Lucas (1991), "Formation d'État et particularisme en Afrique: les relations des Diola au sud du Sénégal avec le pouvoir central à Dakar", *Afrika Focus*, 7 (3), pp. 193-221, disponível em francês em: <http://www.ideecasamance.org>.

Eichelsheim, John Lucas e Khady Dieme (2007), "The discrepancy between the local perception of tenure security and modern legalities: Private or Popular land property in the city of Ziguinchor", *The Netherlands Review of Development Studies*, 3, disponível em: <http://www.ideecasamance.org>.

Fall, Abdou Salam (1998), "Migrants' long-distance relationships and social networks in Dakar", *Environment and Urbanization*, 10 (1), pp. 135-146.

FAO (2008), "The State of Food Insecurity in the World: High Food Prices and Food Security – threats and opportunities", disponível em: <http://www.fao.org/publications/sofi>

Foerch, Wiebke (2007), "Famine", *Encyclopedia of Environment and Society*, SAGE Publications, disponível em: http://sage-ereference.com/environment/Article_n393.html

Garenne, Michel (2003), "Migration, Urbanisation and Child Health in Africa: A Global Perspective", comunicação apresentada na Conferência *African Migration in Comparative Perspective*, 4 a 7 de Junho de 2003, Johannesburg, África do Sul.

GIEWS (2008), "Crop Prospects and Food Situation", *FAO*, (Online), (2) disponível em: <http://www.fao.org/giews/>

Hesseling, Gerti (1994), "La terre, a qui est-elle? Les pratiques foncières en Basse-Casamance", em François George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance. Chronique d'une intégration contrastée*, Paris, Karthala.

Hesseling, Gerti (1993), "Pratiche Fondiarie all'ombra della legge: l'applicazione del diritto fondiario a Ziguinchor, Senegal", *Storia urbana*, (63), pp. 23-44.

Hesseling, Gerti (1991), "Urban land conflicts and the administration of justice in Ziguinchor, Senegal", *The Netherlands Review of Development Studies*, 3, pp. 13-29.

Jao, Mamadú et al. (2004), *Estudo Diagnóstico e Socioeconómico nas Zonas de Intervenção da ADRA - Norte da Guiné-Bissau*, Bissau, INEP.

Jonge, Klaas de et al (1978) *Les Migrations en Basse Casamance (Sénégal): projet d'une recherche multidisciplinaire sur les facteurs socio-économiques favorisant la migration en Base Casamance et sur ses conséquences pour les lieux d'origine*, Leiden, Afrika-Studiecentrum.

Journet, Odile (1994). "Demain, les femmes? «Son fagot de bois a cassé la véranda de la maison»", em François George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance. Chronique d'une intégration contrastée*, Paris, Karthala.

O peso crescente do fenómeno urbano e o seu impacto na Segurança Alimentar

Journet, Odile. (1981), "Les femmes Diolas face au développement des cultures commerciales", em A. Michel, H. Agbessi dos Santos e A. F. Diarra, *Femmes et multinationales*, Paris, Karthala & ACCT.

Journet-Diallo, Odile (2000), "Le peuplement joola de la région frontalière", *Cahiers lillois d'économie et de sociologie*, (special), pp.81-92

Julliard, André (2000), "Regards ethnographiques sur le peuplement Felup-ajamat", *Cahiers lillois d'économie et de sociologie*, (special), pp.93-113

Landau, Loren B. (2004), "Urban Refugees", *FMO Research Guide*, disponível em: <http://www.forcedmigration.org/guides/fmo024/>.

Linares, Olga F. (2002), "African rice (*Oryza glaberrima*): History and future potential", *PNAS - Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 99 (25), pp. 16360-16365.

Linares, Olga F. (1992), *Power, Prayer and Production*, Cambridge, Cambridge University Press.

Lourenço-Lindell, Ilda, (1995), "The Informal Food Economy in a Peripheral Urban District: The Case of Bandim District, Bissau", *HABITATINTL*, 19 (2), pp. 195-208.

Maluf, Renato S. e Francisco Menezes (s.a.), *Caderno 'Segurança Alimentar'*, disponível em http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias_Maluf_Menezes_2000_por.pdf

Mendy, François (1997), *Mouvements de populations et Circulation des biens entre le Sénégal et la Guinée-Bissau à travers le poste frontalier de M'Pack*, dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar.

Montoroi, J. P. et al (1993), "Rehabilitation of rice fields in the acid sulphate soils of Lower Casamance, Senegal", *Publication 53*, International Institute for Land Reclamation and Improvement, Netherlands, pp. 195-204.

OXFAM International (2009), "Investing in Poor Farmers Pays: Rethinking how to invest in agriculture", disponível em: <http://www.oxfam.org.uk/resources/policy/trade/investing-in-agriculture.html>

Paarlberg, Robert (2000), "The weak link between world food markets and world food security", *Food Policy*, (25), pp. 317-335, disponível em: www.elsevier.com/locate/foodpol.

Palmeri, Paolo (1995), *Retour dans un village diola de Casamance*, Paris, L'Harmattan.

Pélissier, Paul (1966), *Les paysans du Sénégal. Les civilisations agraires du Cayor à la Casamance*, Saint-Yrieix, Fabrègue, disponível em: http://www.histoire-ucad.org/archives/index.php?option=com_remository&Itemid=60&func=select&id=22

Quandt, Sara A. (2008), "Food Insecurity and Hunger", *Encyclopedia of Social Problems*, SAGE Publications, disponível em: http://sage-reference.com/socialproblems/Article_n225.html

Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Raposo, Isabel (2010), "Explosão urbana em África", *Janus*, pp.184-185.

Sachs, Jeffrey (2002), *O fim da pobreza*, 2ª ed., Lisboa, Casa das Letras.

Sanches, Ana Paula Rodrigues, António Cittadino e Mario Artuso (2003), *Conversão de terras em solos urbanos, Bissau (Guiné-Bissau), 1989-1997. Análise pela salvaguarda de agricultura urbana e periurbana e pela segurança alimentar*, Centro Città del Terzo Mondo, Politecnico di Torino.

Sijuwade, Philip O. (2010), "The Economic Implications of Rapid Urban Growth in the Third World Countries", *Anthropologist*, 12(2), pp: 79-85.

Siliprandi, Emma (2001), "É possível garantir a soberania alimentar a todos os povos do mundo de hoje?", *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, 2 (4), pp. 16-19.

Silva, Artur Augusto da (1983), "Direitos Civil e Penal dos Felupes da Guiné-Bissau", em *Direitos Civil e Penal dos Mandingas e dos Felupes da Guiné-Bissau*, 4ª ed., Bissau, Dedild.

Simone, Abdou Maliq (2003), "Moving Towards Uncertainty: Migration and the Turbulence of African Urban Life", comunicação apresentada na Conferência *African Migration in Comparative Perspective*, 4 a 7 de Junho de 2003, Johannesburg, South Africa.

Taborda, A. Cunha (1950), "Apontamentos etnográficos sobre os felupes de Suzana", *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, V (18), pp. 187-223.

Taborda, A. Cunha (1950), "Apontamentos etnográficos sobre os felupes de Suzana", *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, V (20), pp. 511-561.

Temudo, Marina Padrão (1999), *Inovação e mudança em sociedades rurais africanas. Gestão de recursos naturais, saber local e instituições de desenvolvimento induzido. Estudo de caso na Guiné-Bissau*, tese de Doutoramento, Lisboa, IICT – Centro de Estudos de Produção e Tecnologia Agrícolas.

Tomas i Guilera, Jordi (2005), *La identitat ètnica entre els joola d'Oussouye (Húluuf, Bubajum áai)*, tese de Doutoramento, Departamento de Antropologia Social e Cultural, Universidade Autònoma de Barcelona, disponível em: http://www.tesisenxarxa.net/TESIS_UAB/AVAILABLE/TDX-1109106-120149/jtg1del1.pdf

Tomàs, Jordi (2001), "La reialesa d'ussuy: La vessant sagrada de la identitat entre els joola-kassa", *Studia Africana*, (12), pp. 131-142.

Tomàs, Jordi (2006) “Sibilumbay: el rey que trajo la paz. El proceso de pacificación y las celebraciones reales del Húmabal en Oussouye, Casamance (2002-2005)”, comunicação apresentada no V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico – *África: compreender trajectos, olhar o futuro*, 4 a 6 de Maio, Covilhã, Portugal.

UNEP/UNCTAD Capacity-building Task Force on Trade, Environment and Development (2008), "Organic Agriculture and Food Security in Africa", UN, New York and Geneva, disponível em: http://www.unep-unctad.org/cbtf/publications/UNCTAD_DITC_TED_2007_15.pdf

Wratten, Ellen (1995), "Conceptualizing urban poverty", *Environment & Urbanization*, (Online), 7 (2), disponível em: <http://eau.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/1/11>.

Windfuhr, Michael e Jennie Jonsén (2005), *Food Sovereignty: Towards democracy in localized food systems*, Warwickshire, FIAN ITDG Publishing.